

**INTERAÇÃO DA FAMÍLIA COM A ESCOLA: DESAFIOS ATUAIS**

**LUCIANA PUCCINI BELUCCI**

**INTERAÇÃO DA FAMÍLIA COM A ESCOLA: DESAFIOS ATUAIS**

**LUCIANA PUCCINI BELUCCI**

Dissertação apresentada à Pró-Reitoria de Pesquisa e Pós-Graduação, Universidade do Oeste Paulista, como parte dos requisitos para obtenção do título de Mestre em Educação.

Linha de Pesquisa 1 Instituição Educacional:  
Organização e Gestão

Orientador: Prof. Dr. Levino Bertan

370 Belucci, Luciana Puccini.

B453i Interação da Família com a Escola: desafios atuais / Luciana Puccini Belucci. Presidente Prudente, 2009.

86 f.

Dissertação (Mestrado em Educação) –  
Universidade do Oeste Paulista – UNOESTE:  
Presidente Prudente – SP, 2009.  
Bibliografia

1. Família, 2. Escola. 3. Educação. I. Título.

**LUCIANA PUCCINI BELUCCI**

**INTERAÇÃO DA FAMÍLIA COM A ESCOLA: DESAFIOS ATUAIS**

Dissertação apresentada à Pró-Reitoria de Pesquisa e Pós-Graduação, Universidade do Oeste Paulista, como parte dos requisitos para obtenção do título de Mestre em Educação.

Presidente Prudente, 09 de dez. de 2009.

**BANCA EXAMINADORA**

---

Prof. Dr. Levino Bertan  
Universidade do Oeste Paulista – UNOESTE  
Presidente Prudente - SP

---

Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Ivone Tambelli Schmidt  
Universidade do Oeste Paulista – UNOESTE  
Presidente Prudente - SP

---

Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Lucia Helena Tiosso Moretti  
Universidade Estadual de Londrina - UEL  
Londrina - PR

“A educação sozinha não transforma a sociedade, sem ela tampouco a sociedade muda.”

***Paulo Freire***

## **AGRADECIMENTOS**

À minha família, por seu apoio e incentivo incondicional, nos momentos em que os obstáculos pareciam intransponíveis e a longa jornada parecia interminável.

A meu filho Lucas, por me mostrar, com seu inocente sorriso, o real valor das dificuldades e que, ao final, tudo valeu a pena.

Aos mestres, cuja paciência, orientação e sabedoria foram fundamentais para a realização deste projeto.

## RESUMO

### **Interação da família com a escola: desafios atuais**

O trabalho é uma reflexão e uma análise a respeito da relação entre família e escola e dos desafios a serem enfrentados por essas instituições. O objetivo era identificar as funções da família e da escola no campo educacional, bem como apontar os problemas atuais. Pela natureza do estudo, adotou-se como abordagem metodológica a pesquisa bibliográfica alicerçada em vivências concretas com alunos, professores, pais, gestores e coordenadores de escolas públicas da educação básica. A metodologia pautou-se na análise qualitativa, acompanhada de reflexões em um universo de significados envolvendo aspirações, crenças, valores, atitudes, violências e outros, que interferem nessas instituições. Constatou-se que, com os avanços econômicos, políticos e sociais a partir principalmente da pós-modernidade, com a entrada da mulher no mercado de trabalho e os efeitos da globalização, iniciou-se um processo de transformações e mudanças que possibilitaram alterações do “status quo” vigente nas famílias e na escola. Aqui se coloca o problema atual da família com as propaladas crises e sua desestruturação e enfraquecimento, que exigem da escola também novas posturas educacionais. Depara-se na atualidade com famílias que parecem ter esquecido suas origens, funções, normas e fundamentos. Essas perdas devem-se ao desaparecimento dos valores morais, éticos e religiosos, que reduzem o ser humano a um ser adaptado sem reflexão e mantenedor do sistema vigente. É através da família e das suas bases de apoio que as portas do mundo se abrem, com o suprimento da escola. O grande desafio encontra-se na parceria que as Famílias e a Escola devem manter objetivando a formação integral da criança e do adolescente. Para tanto, compete à escola desenvolver uma gestão verdadeiramente democrática, participativa, com deliberações coletivas, acompanhadas da arte, do diálogo e da discussão para amenizar as crises, trazendo os pais para a escola.

**Palavras-Chave:** Família. Escola. Desafios. Educação

## **ABSTRACT**

### Interaction between family and school: current challenges

This work is a reflection and analysis of the relation between family and school and the challenges to be faced by these institutions. The objective is to identify the function of the family and school in the educational sphere, as well as pointing the current problems. For the nature of study, the research was adapted as a methodological approach based on concrete experiences with students, teachers, parents, administrators and coordinators of public schools. The methodology is ruled by the analysis of quality along with the reflection of a universe of meanings that involves aspiration, beliefs, values, attitudes, violence among others, that interfere in these institutions. It was verified that, with the economic, politic and social advancement, starting specially with the entrance of the women in the work market and the globalization effects, begins a process of transformation and changes of the family and school's "status quo". It's also pointed, the current problems of the family with its crises and its destruction and weakness, that also demands a new educational position from school. Nowadays we face families that seem to have forgotten their origins, function, rules and basis. These loss are due to the loss of moral, ethics and religious values that reduces the human being to na adapted human being, with no reflection of the current system. It's through the family and through its basis along with the school support that the opportunities of the world are shown. The great challenge remains in the partneship that families and schools must keep aiming the complete education of the children and teenagers. For that, it's up to school to develop a truly democratic, participative and collective deliberation, followed by art, dialogue and discussion to soften the crises, bringing the parents to school.

**Key words:** Family. School. Challenges. Education

## SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO .....	09
1.1 Objetivo .....	10
1.2 Problema .....	10
1.3 Procedimentos Metodológicos .....	10
1.4 Estrutura do Trabalho .....	13
2 DEFININDO PAPÉIS: ESCOLA E FAMÍLIA .....	15
2.1 O Papel da Escola .....	15
2.2 O Papel da Família .....	27
3 DESAFIOS NA INTERAÇÃO FAMÍLIA-ESCOLA .....	42
3.1 A Necessidade de Limites: as Mediações Tecnificadas e a Socialização Infanto-Juvenil.....	42
3.2 Formação do Professor .....	57
4 POSSIBILIDADES E ALTERNATIVAS .....	64
5 CONSIDERAÇÕES FINAIS .....	68
REFERÊNCIAS.....	74

## 1 INTRODUÇÃO

Como professora do ensino fundamental e médio há dezesseis anos, tenho notado, ano após ano, o desinteresse crescente do aluno pelo processo ensino-aprendizagem. O problema foi debatido em reuniões pedagógicas com coordenadores e orientadores educacionais que, em sua maioria, alegam o desinteresse dos pais em participarem da vida escolar de seu filho, atribuindo à escola toda a responsabilidade do processo educacional.

Uma boa parte dos professores do ensino fundamental e médio preocupa-se com a falta de participação da família na escola. Deparando com problemas disciplinares, alunos desmotivados, questiona-se: há somente falta de interesse da família ou, às vezes, omissão da própria escola em desenvolver uma política mais eficiente de aproximação entre família e escola?

Atualmente consegue-se ver nitidamente a falta de interação entre as famílias e a escola e isso se agrava devido ao estilo de vida de cada um: de um lado, a falta de preparação do professor; de outro, o descaso que as famílias têm para com seus filhos.

Diante desse quadro, surgiu o interesse de aprofundar o conhecimento sobre o papel da família e da escola na formação integral da criança e do adolescente. Questionou-se a necessidade de despertar nos alunos mais entusiasmo e interesse e, nos pais, uma participação mais ativa na vida escolar de seu filho. Sabe-se que há, nesse contexto, uma série de implicações a serem enfrentadas como famílias disfuncionais, pais que saem o dia todo para o trabalho a fim de proporcionar à família o sustento necessário, e o próprio avanço tecnológico que vem influenciar no relacionamento dos pais com os filhos no pouco tempo de que eles dispõem para manter contato.

Considerando que a pesquisa é uma forma eficiente de encontrar respostas para as questões propostas, utilizou-se o método científico. Este processo pode ser considerado um procedimento formal de pensamento reflexivo que requer um tratamento científico e se constitui no caminho para conhecer a realidade ou para descobrir verdades parciais (MARCONI; LAKATOS, 2001).

## **1.1 Objetivo**

Objetiva-se identificar as funções da família e da escola, bem como os tipos de relações que são estabelecidos entre as duas instituições e os desafios a serem enfrentados por elas.

## **1.2 Problema**

Há uma mudança global em curso no modo de pensar das famílias e da escola. Resta saber como estabelecer laços de interação entre elas. Daí o questionamento: no contexto cultural contemporâneo, quais os principais problemas e desafios que famílias e escola enfrentam e que soluções se devem buscar para melhorar a educação dos alunos?

## **1.3 Metodologia**

Pesquisar vai além do visível, consiste em descobrir a realidade dos fatos. Cervo e Bervian (1977) consideram a pesquisa como uma atividade voltada para a solução de problemas, através do emprego de processo científico. “E como a pesquisa tem por objetivo um problema a ser resolvido, o método serve de guia para o estudo sistemático do enunciado, compreensão e busca do referido problema” (RUDIO, 2001, p. 17).

O trabalho envolve uma pesquisa de caráter qualitativo, na qual se buscou a parceria da família com a escola.

De acordo com Gonçalves (2005, p. 68), “a pesquisa qualitativa preocupa-se com a compreensão, com a interpretação do fenômeno, considerando o significado que os outros dão às suas práticas, o que impõe ao pesquisador uma abordagem hermenêutica”.

A pesquisa qualitativa responde a questões muito particulares. Está inserida no campo das ciências sociais, com um nível de realidade que não pode ser quantificado. Quer dizer, esta pesquisa trabalha com o universo dos significados e com motivos, aspirações, crenças, valores e atitudes que correspondem a um espaço mais profundo das relações e não podem ser reduzidos à operacionalização de variáveis (MINAYO, 2004, p. 21).

Pela natureza do estudo, que é uma análise qualitativa, adotou-se como abordagem metodológica a pesquisa bibliográfica que, para Cervo e Bervian (1977, p. 53), “tem como objetivo encontrar respostas aos problemas formulados e o recurso é a consulta dos documentos bibliográficos”.

Paralelamente ao estudo das fontes bibliográficas, fizemos observações em algumas escolas públicas e conversamos com professores a respeito dos desafios que são enfrentados nas escolas.

Iniciou-se a pesquisa buscando, em primeiro lugar, compreender o significado de família e, posteriormente, da escola. Descobriu-se que o assunto é muito vasto e complexo, sendo objeto de abordagens sociológicas, filosóficas, psicológicas e pedagógicas.

Hoje, se reconhece que a educação dos alunos depende, conjuntamente, da estrutura da família, da escola e das características dos alunos.

A pessoa encontra na família a base, os fundamentos para o desenvolvimento, tanto pessoal como social. Porém, esse desenvolvimento encontra forte resistência no momento histórico atual.

Em uma sociedade desigual como a brasileira, é indispensável levar em conta que as famílias ocupam espaços diferenciados em sua luta pela sobrevivência e reprodução de vida. Elas se organizam de acordo com a dinâmica das classes sociais em que estão inseridas, isto é, vivem de acordo com possibilidades existenciais historicamente definidas.

O homem é um ser familiar. Além de assegurar a sobrevivência dos filhos, a família é o espaço e a depositária dos valores que marcarão profundamente a vida de seus membros por meio da educação.

A família conjugal moderna seria a consequência de uma evolução que, no final da Idade Média, teria enfraquecido a linhagem e as tendências à “indivisão” (ARIÈS, 2006, p. 143).

É imprescindível falar sobre o significado social da família em nossos tempos. Certos fenômenos culturais têm como consequência outros arranjos familiares, por isso, fala-se em “famílias” no plural.

Considera-se que a família é a instituição básica da sociedade. A base de educação, de cultura, de sentimento de cada um é a que a família proporcionou.

A família está presente em todas as sociedades, é um dos primeiros ambientes de socialização do indivíduo. Pode ser considerada a primeira instituição social que, em conjunto com outras, busca assegurar a continuidade e o bem-estar de seus membros e da coletividade, incluindo a proteção e o bem-estar da criança.

Compete à escola desenvolver a educação formal e preparar o indivíduo para a cidadania, para torná-lo capaz de transformar a sociedade em que vive. A escola entra aqui fazendo parte da vida cotidiana da família e, como espaço de formação/preparação das novas gerações, tem a função de suplência, isto é, de suprir e complementar a educação familiar: “A escola existe, pois, para propiciar a aquisição dos instrumentos que possibilitam o acesso ao saber elaborado” (SAVIANI, 1991, p. 23).

A escola não vive sem a família e vice-versa; uma depende da outra para atingir seu objetivo principal que é a educação do indivíduo.

Com as mudanças no mundo atual, a família não consegue, muitas vezes, se ocupar com a educação da criança como deveria. Leva-se a criança para a escola e à escola é confiada a ação educativa. Com isso, pai e mãe, cada um para um lado, entregam-se de corpo e alma ao trabalho, não encontrando tempo para sentar, brincar e dialogar com seus filhos. Isso afeta o relacionamento familiar e escolar. Assim, a tarefa educativa da escola tem aumentado muito. Lamentavelmente, a escola não evoluiu na proporção da evolução do mundo moderno. Educação é processo de vida. A vida é uma aprendizagem constante.

Cabe à família acompanhar o processo de ensino e aprendizagem da criança. A vivência nos mostra que o nexos existente entre a família e os problemas sociais, como repetência, drogas, paternidade precoce e outros, depende, em grande parte, do ambiente familiar. Famílias desestruturadas geram filhos-problema. A ausência da figura paterna na vida da criança “pode ser responsável por boa parte dos casos de violência juvenil no país” (REVISTA SOCIOLOGIA: CIÊNCIA E VIDA, p. 18-26, 2007). Pesquisas mostram que cerca da metade dos jovens infratores não

tem contato com o pai. Ontem, hoje e sempre, a família é e será o principal lugar e o indispensável núcleo educador dos filhos, escola de humanização, de cidadania.

O homem é um ser familiar. Além de assegurar a sobrevivência dos filhos, a família é o espaço e a depositária dos valores que marcarão profundamente a vida de seus membros por meio da educação.

A escola é um local que apresenta diversidade de conhecimentos, atividades, regras e valores que vêm impregnados de conflitos, diferenças e problemas. E é nesse ambiente físico, psicológico, social e cultural que as crianças e os jovens têm o seu desenvolvimento de acordo com as atividades programadas em sala de aula e fora dela. Portanto, a escola é um ambiente multicultural que abrange também a formação de laços afetivos e a preparação para a inserção na sociedade e apresenta um contexto diversificado de desenvolvimento e aprendizagem.

Conforme Althusser (1985), a escola serve para garantir e reproduzir a ideologia da classe dominante. Ela transmite, de diversas formas, as relações de poder. O seu perfil é semelhante ao do regime político, pautado no conservadorismo, na centralização e burocracia.

As grandes transformações pelas quais vem passando a sociedade têm-se refletido com intensidade na vida das pessoas, desafiando as organizações e as instituições para a necessidade de mudanças radicais em seus propósitos, em suas políticas, em suas estruturas e em seus procedimentos.

#### **1.4 Estrutura do Trabalho**

O trabalho está estruturado em cinco capítulos:

1 - O primeiro capítulo faz uma análise das famílias e da escola, na contemporaneidade, e do papel que cada uma desempenha.

2 - O segundo capítulo procura diagnosticar os desafios na interação família e escola, abordando a necessidade de limites e a formação do professor.

3 - O terceiro capítulo analisa as possibilidades e alternativas destas instituições. É de fundamental importância a interação entre a família e a escola, entre pais e a equipe gestora, para que muitos problemas sejam superados. Não se

pode delegar o papel da educação somente à escola, pois ela complementa a educação do lar.

4 - O quarto capítulo trata da formação do professor. O papel do professor não é apenas transmitir conhecimentos, mas ser principalmente educador, preocupando-se com a educação integral do aluno. E a melhor pedagogia é a pedagogia do exemplo.

5 – Nas “Considerações Finais”, pondera-se que as questões que interferem na família e na escola são bastante complexas. Os comportamentos, os valores sociais, familiares e escolares, bem como a visão de mundo, estão atrelados às estruturas da sociedade como ela se organiza e vive o seu produzir. Cabe à educação um papel fundamental na sua ação transformadora.

## 2 DEFININDO PAPÉIS: ESCOLA E FAMÍLIA

### 2.1 O Papel da Escola

Quando o assunto é escola, geralmente a idéia é analisar a relação professor e aluno, a metodologia de ensino, o aproveitamento da criança, mas muito pouco, ou raramente, abordam-se a relação entre a escola e a família que, quando referendada, tem a ver com relacionamentos sociais, e a dependência da família e da escola.

É necessário estabelecer as conexões das instituições escola e família com o contexto histórico, social, político, econômico e ideológico da realidade, porque a maioria dos recursos humanos atuantes na rede pública não se apropriou da dimensão abrangente do social (BERTAN, 2005, p. 11).

Em um contexto histórico, durante a ascensão do capitalismo, surge o modelo das famílias burguesas e proletárias e também surgem novos profissionais ligados à área de educação: assessores, educadores, tutores e técnicos, que promovem a aproximação e o tratamento das famílias em crise e da “infância em perigo” (DONZELOT, 1986).

Quando se pensa em escola, logo se imagina o local onde se aprende, onde se ensina, onde se educa.

A escola deve ter como principal objetivo o de proporcionar estímulos adequados para a formação afetiva e intelectual do indivíduo. Portanto, sua função é fazer despertar o desejo de aprender, de conhecer.

Infelizmente, a realidade é que nem sempre a escola entende este contexto. Já existe o pressuposto de que todas as crianças chegam e permanecem nela com ânsia de aprender e sem nenhum problema ou dificuldade.

Mas as dificuldades existem e o papel da escola é entendê-las e contribuir para introduzir o indivíduo no mundo do conhecimento de forma prazerosa e auxiliá-lo na superação de dificuldades e conflitos.

Na tentativa de definir a escola, temos de inicialmente entender que esta não é um local para “guardar” ou “reformatar” crianças, muito embora uma de

suas funções seja a de orientá-las. Paulo Freire (2006) defende a escola como um lugar importante não só para estudar, mas, também, para criar laços de amizade entre os alunos e destes com os professores. É natural que, numa escola que proporcione este ambiente, será mais fácil estudar, aprender, educar-se.

Os professores não são mágicos nem heróis. São profissionais que optaram pela tarefa de auxiliar na formação e orientação dos alunos. Aos pais cabe a responsabilidade de acompanhar os filhos, conversar, entre outras coisas, sobre a escola que eles frequentam. Perissé (2003) define a escola como “uma probabilidade. A escola é uma experiência. A escola é uma esperança”.

Com o advento de novas tecnologias, com o acesso fácil à internet, a informação passa a ser abundante e chega a criar certa crise de identidade na escola.

Pode até parecer um sintoma da informática, ou do “fim dos tempos”, mas é simplesmente uma questão e um sintoma da cultura. “Precisamos de tecnologias e sistemas que nos deem mais tempo, e com isso estamos transformando os meios de comunicação” (ERTHAL, 2008).

Aprendemos a economizar as palavras para as mensagens SMS. Aprendemos a telefonar enquanto se faz alguma coisa (antes era o contrário: você fazia outra coisa enquanto telefonava). Até as piadas estão mais curtas, viraram chiste, instantâneas e sem enredo, mas muito engraçadas. (ERTHAL, 2008)

A dinâmica da comunicação cerca e atinge todos os setores e, obviamente, alcança também a escola.

E com tantas mudanças, com tanta divergência, choque de culturas, entre outros, repetimos a pergunta “que não quer calar”: o que é a escola e para que serve? O que fazer com a escola? Mudar o sistema de ensino, as técnicas? Aperfeiçoar e qualificar melhor os profissionais da área? Automatizar? São questões urgentes que, se não forem resolvidas, vão afundar mais e mais as boas intenções daqueles que lutam, na linha de frente, por uma boa educação. Teixeira (1981, p. 59) defende que, para que haja uma reforma, torna-se necessário que os órgãos competentes proporcionem condições adequadas para se avançar. Deve-se lembrar, entretanto, que reforma implica em formação. Os professores devem ter condições de desempenharem o papel que a sociedade espera deles.

Hoje em dia, o conceito de escola que apenas transmite

conhecimentos encontra a oposição do conceito de escola que procura ensinar o que e como fazer com os conhecimentos adquiridos. Isto é muito importante no sentido de se preparar os alunos como cidadãos portadores de saber e de capacidade de agir, o que reverte em um processo de ensinar a criança e o adolescente a viverem em comunidade, além de se fornecer a competência necessária para o indivíduo pensar e analisar a sociedade em que está inserido, com habilidade de intervir nela quando necessário, buscando proporcionar melhor qualidade de vida. Com isto, a escola estará se propondo a educar para a cidadania.

Essa educação proporciona a integração de conceitos essenciais para a sociabilização do ser humano, destacando-se o senso de justiça, da solidariedade e da igualdade, além de preparar o aluno para assimilar os valores essenciais da vida em sociedade, tais como o respeito pelos outros e pelos seus direitos; aceitar as diferenças e condições para discernir e assumir suas responsabilidades.

A aprovação da Lei de Diretrizes e Bases da Educação (LDB, nº 9394/96) veio propiciar grande avanço no sistema educacional de nosso país, com a intenção de que a escola se tornasse um espaço de participação social valorizando a democracia, o respeito, a pluralidade cultural e a formação do cidadão, dando mais vida e significado aos estudantes.

A Lei de Diretrizes e Bases está baseada no princípio do direito universal que rege a educação para todos. Uma sociedade não cresce, não evolui sem educação, sendo necessário o acesso, no mínimo, à educação básica.

A atribuição da escola não é apenas ensinar a ler e escrever; ela tem um papel social a ser desenvolvido na comunidade em que está inserida. Um exemplo a ser seguido é o trabalho que desenvolvem as escolas de Taboão da Serra, município paulista, que está exportando um modelo de educação para a menor cidade da Suécia, Sundbyberg, de apenas 9 km<sup>2</sup>. O modelo se chama: “Programa de Interação Família Escola” e é um projeto da prefeitura, em que professores visitam todas as famílias dos alunos, do jardim I à 5ª série do ensino fundamental.

O programa, que está sendo executado desde 2005, funciona da seguinte maneira: os professores visitam todas as famílias dos alunos ao longo do ano e recebem uma ajuda de custo para a visita. Na casa do aluno, a conversa gira em torno do desempenho escolar e da relação interfamiliar.

Os resultados já foram comprovados porque houve um estreitamento da relação entre as famílias e a escola. Seiscentos professores participam do projeto, contabilizando cerca de 20 mil visitas para alunos da educação infantil até o quinto ano do ensino fundamental. Já se pode observar a redução do número de faltas, um aumento do aproveitamento escolar e a introdução de novas metodologias de ensino. A iniciativa ganhou projeção nacional e vem sendo comentada nos grandes veículos de comunicação.

Para cumprir sua função social, a escola deve trazer as famílias para dentro de seu espaço, acompanhando e participando de todas as atividades ali desenvolvidas. Quando isso ocorre, as famílias conhecem o trabalho dos educadores e participam, criando um elo em que uma fortalece a outra e que levará também as crianças a acreditarem e a valorizarem esse trabalho. Ou seja, a função social das famílias é preparar as crianças para o convívio em sociedade, mas precisam estabelecer uma parceria com a escola para que isso ocorra de maneira favorável. Para tanto, a escola deve ter criatividade e implementar projetos que tragam as famílias para a escola numa participação mais ativa, pois a evolução da educação requer a participação intensiva da sociedade, das famílias. Educação é direito de todos, por isso a sociedade deve lutar por ela. A atitude de resgatar o real valor social da escola, sua finalidade principal, e recuperar sua cidadania requer o apoio da comunidade, uma inter-relação com outras instituições sociais e melhor qualificação do educador.

[...] a escola precisa ter referencial público, estar institucionalmente articulada e ser conduzida por profissionais realmente comprometidos com os destinos da nação brasileira rumo ao desenvolvimento humano, científico, filosófico, tecnológico e cultural, com vistas para o alcance da soberania nacional. (CAIADO, 2003)

Além de ter um referencial público, a escola deve ser conduzida por profissionais realmente comprometidos com o processo educacional, visando ao desenvolvimento humano e ao futuro da nação brasileira e conduzindo para alcançar a soberania nacional.

A escola remete para processos sociais específicos que revitalizam a expressão de valores, hábitos, comportamentos (BARROS, 1997). Entretanto, a situação do ensino tende a refletir relações sociais deterioradas fora da escola.

A educação deve ser vista como um processo contínuo, que acompanha o

desenvolvimento do indivíduo; assim, dentro do sistema educativo, a escola tem destaque especial, que é de vital importância para a socialização do indivíduo, contribuindo para a constituição de valores que irão indicar os rumos que a sociedade irá trilhar no futuro.

A finalidade de uma boa educação é modificar o indivíduo, preparando-o para uma vida equilibrada em sociedade.

As famílias e a escola possuem vínculos com o sistema social, econômico e político e, como participantes de uma sociedade, realizam suas funções, apesar da “disfuncionalidade” da família. Com o desenvolvimento do capitalismo, foram retiradas responsabilidades antes exclusivas desta e repassadas para profissionais, especialistas, direcionando-as para o aumento dos trabalhos escolares, fazendo crer que as famílias não davam conta da educação das crianças. Era necessário buscar o trabalho de extensão às famílias. Delineavam-se os modelos de educação, cujo ideário foi e é uma imposição de fora para dentro, a invasão do espaço particular: a família.

Bertan (2005), na pesquisa sobre “Escola e Família”, entrevista pais e pessoas da equipe técnico-pedagógica da escola e, após análise, observa que algumas escolas, revelando seu aspecto conservador, não abrem espaço para a participação das famílias, “mesmo para aqueles que convivem diariamente no seu interior”. Quando os pais são chamados à escola, ou até mesmo quando vão espontaneamente, “são tratados de maneira arrogante ou com paternalismo, escravizando qualquer possibilidade reivindicatória”.

A própria escola, dentro do seu contexto histórico, estabelece a submissão dos alunos e pais, estimulando neles o medo das autoridades escolares, apresentando o professor como detentor do saber. Esse tipo de relação é considerado natural.

Já a respeito da relação escola-família, os profissionais da área afirmam que a família não participa do processo educacional, das reuniões, dos órgãos que representam a escola, da Associação de Pais e Mestres, do Conselho escolar, até mesmo de encontros corriqueiros, utilizados para troca de informações, ou para dar informações sobre a vida escolar das crianças.

Ao que parece, com tanta evolução tecnológica, com tantas mudanças dentro da sociedade, nas famílias, mudanças do papel da mulher de “dona de casa”,

para mantenedora da família, tenta-se passar a responsabilidade da educação dos filhos exclusivamente para a escola, pois os pais não têm tempo de participar ativamente da vida escolar destes, pelas mais variadas razões, só comparecendo no período de matrícula ou no final de ano, quando seus filhos estão em dificuldades para a promoção.

Os pais se defendem, alegando que só são chamados quando a situação dos filhos é problemática, caso as notas estejam baixas, ou o comportamento inadequado, ou por falta de disciplina, segundo a ótica da escola, ou se matam aulas, ou não fazem as “tarefas”.

Muitas vezes a burocracia existente na escola é marcada pela frieza, por reações de posse e poder, que se concretizam na hierarquia do trabalho e na organização administrativa. Em encontros de pais e mestres, são fixados limites e os pais devem “obedecer”. Esses limites não são estabelecidos num código escrito, circunscrevem-se às relações de troca escola-família. Muitas vezes, de modo sutil e velado, são mascarados por discursos democráticos, porém, o conhecimento e a autoridade incorporados conferem aos professores legitimidade para falar (com arrogância), decidir (por si só.) punir e exigir obediência dos alunos e dos pais.

Com o descaso do governo e a falta de recursos, a escola pública procura meios de suprir parte de suas necessidades, e um destes recursos são os pais, que pensam que toda convocação significa problemas com os filhos, ou “contribuições voluntárias”, de trabalho ou financeiras.

Sempre é evidenciada uma barreira existente entre os profissionais da educação e os pais, ou as famílias de modo geral. No tocante à relação dos pais com a escola, o autoritarismo predomina no exercício da autoridade da direção. No processo educacional não se admitem os termos autoridade e autoritarismo. “O autoritarismo representa a repressão, interrompe o diálogo, a comunicação e a relação” (BERTAN, 2005; p. 15).

Isso não deve acontecer dentro da comunidade escolar, que deve ter uma única finalidade, apenas servir a todos. O sentimento de poder e dominação com a imposição de si mesmo não leva a lugar algum; é necessário substituir o domínio, o egoísmo pelo amor.

“O paternalismo, traço cultural brasileiro, abriu ao governo a missão de tudo fazer e prover em educação [...]. O sistema educacional burocratizado é o

instrumento adequado à gestão paternalista para a dissimulação do discurso” (BORDIGNON, 1992, p. 13),

O Estatuto da Criança e do Adolescente (Brasil, 1990), em seu parágrafo único do capítulo IV, diz que “é direito dos pais ou responsáveis ter ciência do processo pedagógico, bem como participar da definição das propostas educacionais”. Portanto, trazer as famílias para o convívio escolar já está determinado pelo Estatuto da Criança e do Adolescente, mas falta concretizá-lo, aplicando a Lei. Família e Escola são pontos de apoio para o ser humano, são sinais de referência imprescindíveis. Quanto melhor for a integração entre ambas, mais significativos serão os resultados na formação do educando.

A escola tem a função de suprir e tentar minimizar sofrimentos e problemas que as crianças enfrentam dentro de suas famílias; os problemas não serão talvez resolvidos, mas com certeza serão amenizados. A escola deve trabalhar as dificuldades mais gritantes, criar grupos de reflexão, com a finalidade de diagnosticar e enfrentar estas dificuldades. Lima (2003) acentua a importância do olhar sociológico que a escola deve ter enquanto organização educativa complexa.

É importante manter o equilíbrio e a sensibilidade para saber orientar e educar o indivíduo e escolher a forma como se levam as informações aos pais e como se estimula a participação destes na educação dos filhos. Uma das formas ideais para esse fim é estar atento às mudanças na educação.

Competem à escola a criatividade e o desafio, pois todo projeto, desde que bem planejado, pode resultar em benefício para o aluno. Exemplo a ser seguido é o caso do município de Taboão da Serra, São Paulo, citado anteriormente.

Esse projeto está sendo aplicado desde 2005 e seus resultados já foram comprovados: estreitamento da relação entre a família e a escola, diminuição da evasão e da repetência (a menos da metade) e melhora do ensino municipal.

Dentro de uma sociedade cujas mudanças são constantes, rápidas, deve-se ficar atento aos sinais e aberto para enxergar necessidades e desafios da humanidade.

Muitos problemas podem ser sanados no momento em que houver uma interação família e escola. Serão detectadas com mais precisão as dificuldades de aprendizagem, bem como o comportamento inadequado. Um aspecto que mais preocupa a escola nos tempos atuais é a violência que vem tomando vulto na vida

estudantil. Por esse motivo procuramos dedicar uma parte do nosso trabalho ao fator violência.

A escola tradicional sempre manteve uma certa resistência à participação dos pais, limitando a atuação deles. Notamos que, atualmente, as escolas abrem mais espaço para as famílias, estimulando os pais a participarem da vida escolar de seu filho, favorecendo e facilitando a educação dos estudantes.

Os professores estão compreendendo que as famílias mudaram e que é com essas famílias que devem trabalhar. A escola é o espaço de formação/preparação das novas gerações. Os professores, como mediadores do processo ensino/aprendizagem, aproximam-se de seus alunos, tendo o apoio constante da família.

Enquanto a escola tradicional primava pela homogeneidade, notamos que a escola moderna passa a trabalhar pela “universalização do ensino”, procurando evitar a discriminação. e investe em educação inclusiva, na qual o papel do professor é de mediador do processo, respeitando as diferenças (SUTLER, 2007, p. 1).

Não resta dúvida que este é um processo relativamente recente e um tanto complexo a ser assumido por toda comunidade escolar. Para uma relação adequada entre a família e os educadores, a construção do diálogo é imprescindível, com efetiva troca de conhecimentos. A compreensão entre as partes, desejo de escutar, flexibilidade para novas idéias e valores que podem ser divergentes são fatores indispensáveis para que tudo funcione bem.

Compete à escola respeitar os valores que as famílias possuem, cuidando para que não haja discriminação e proporcionando condições para que as famílias se integrem na vida escolar de seus filhos e passem a participar.

A escola e a família são instituições que se complementam e sua cooperação se torna necessária. Ambas devem proporcionar um lugar agradável para que os alunos/filhos se sintam seguros, beneficiando os filhos/alunos com seu trabalho conjunto. Os pais não devem apoiar os filhos que infringem as normas e as determinações da escola, mas, juntamente com ela, devem procurar corrigi-los. O filho, sentindo que ambos mantêm a mesma linguagem, passará a se sentir mais seguro. Pode-se observar que, em função de diferentes contingências de vida, alguns pais mais bem preparados contribuem sobremaneira para a saúde, o

desenvolvimento e o ajustamento de seus filhos tanto no ambiente doméstico, quanto no escolar. Conforme se lê no Art. 53 do Estatuto da Criança e do Adolescente (1990): “A criança e o adolescente têm direito à educação, visando ao pleno desenvolvimento de sua pessoa [...]”. E no parágrafo único: “É direito dos pais ou responsáveis ter ciência do processo pedagógico, bem como participar da definição das propostas educacionais.”

Tomando a escola como uma instituição que “complementa a família”, a relação escola e família, do ponto de vista cultural, também deve fazer parte do processo que implica visões diferenciadas, no que se refere a valores e à realidade socioeconômica. Mesmo enfrentando as dificuldades inerentes à vida moderna, os pais devem, com confiança e coragem, formar os filhos para os valores essenciais da vida humana.

Finalmente, é primordial a busca de formas de articulação e convivência contínua entre as famílias e a escola. Isto é um fato óbvio, mas difícil de ser posto em prática. Hoje a educação é vista como um processo permanente, continuado, não mais como apenas uma etapa na vida de um indivíduo: estudar para entrar no mercado de trabalho. Portanto, neste processo, a participação de todos, não somente dos familiares, mas também da comunidade, torna-se necessária. O trabalho para que haja essa parceria deve ser constante. Embora em nossos dias ainda se encontre resistência a isso, notamos que as dificuldades estão sendo superadas.

É comum depararmos com fome, desigualdades, exclusões, guerras, tráfico de drogas e armas, prostituição, doenças, enfim, é quase interminável a lista de misérias que o ser humano enfrenta em todo o mundo. É comum, também, que a sociedade cobre uma postura da escola, esquecendo que uma é fruto da outra. É utópica a idéia de que a escola vai resolver todos os problemas do mundo, tornando nossas crianças e adolescentes responsáveis, participativos, conscientes de uma forma completa.

[...] ninguém pode ensinar, verdadeiramente, se não ensina alguma coisa que seja verdadeira ou válida a seus próprios olhos. Esta noção de valor intrínseco da coisa ensinada, tão difícil de definir e de justificar quanto de refutar ou rejeitar, está no próprio centro daquilo que constitui a especificidade da intenção docente, como projeto de comunicação formadora. (FOURQUIN, 1993; p. 47)

Ninguém pode ensinar aquilo que não considera verdadeiro. Esta noção de valor do processo de ensino-aprendizagem constitui a própria intenção do docente, quando se propõe ensinar e formar. O professor só é um profissional capaz quando se dedica com amor e credita naquilo que se propõe a fazer, isto é, transmitir conhecimento e formação para o educando.

Por outro lado, hoje a escola teoricamente procura desenvolver a razão, mas vai acumulando as aprendizagens; diz que vai educar, mas passa o tempo todo a instruir. Antes de qualquer coisa, a escola precisa reorganizar-se já na formação básica e, para isso, deve promover uma busca ética, discussões contínuas, respeito, método. A escola de hoje precisa desenvolver no aluno a capacidade de raciocínio e, para obter bons resultados, professores e alunos precisam promover a construção do conhecimento. Partindo deste princípio, vemos que o Construtivismo vem contribuir de maneira satisfatória. Constata-se que, no Estado do Paraná, as escolas públicas estão aplicando a metodologia histórico-crítica interacionista, que consiste em trabalhar a humanização e desenvolver o raciocínio crítico.

Compete à escola estimular a aprendizagem mediante o desenvolvimento de competências e habilidades por parte do aluno, em lugar de centrar-se somente no conteúdo conceitual. Entendemos por competência a mobilização de conhecimentos, a capacidade de se lançar mão dos mais variados recursos, de forma criativa, no momento e no modo necessários. Uma competência orchestra um conjunto de esquemas de pensamento, percepção, ação e avaliação. Já a habilidade é menos ampla que a competência e não está vinculada a um assunto concreto. O aluno tem de ter a habilidade de enfrentar situações-problema, de associar os conhecimentos adquiridos nas diversas áreas às diferentes situações práticas do cotidiano. É preciso romper com o hábito de “ministrar” o conteúdo, deixando as competências e habilidades como responsabilidade do aluno. É preciso mudar o foco e a abordagem dos assuntos e isso requer uma nova postura do professor.

A missão da escola mudou. Em vez de atender a uma massa amorfa de alunos despersonalizados, é preciso localizar o indivíduo, original, singular, diferente e único, específico em seu capital genérico, possuidor de inteligências múltiplas e, portanto, de diferentes habilidades para resolver problemas

(PERRENOUD, 1999).

A principal tarefa da pedagogia, nos dias atuais, é transformar as aulas discursivas em algo interessante, pois as crianças e os adolescentes hoje não veem mais atrativos nas aulas em que os professores detêm todo o conhecimento, tendo em vista a facilidade de se “informar”.

Não se contesta aqui a evolução da tecnologia e as facilidades que proporciona, trazendo liberdade e praticidade, porém afastando também o encantamento e o idealismo, principalmente de crianças e adolescentes, que começam a sua jornada.

Tanto as famílias como a escola devem preparar-se para enfrentar os benefícios e os malefícios advindos da tecnologia, da comunicação e da internet, achando a medida certa no momento de educar, instruir sem severidade ou liberalidade extrema, sabendo equilibrar esta relação de maneira consciente. Por isso, uma das atitudes a ser desenvolvida é o diálogo, mesmo quando o assunto é delicado, evitando-se discussões desnecessárias que não levam a lugar algum. Aos pais compete vigiar, orientar seus filhos, evitando filmes e programas violentos e, quando for o caso, assistir junto, questionando sempre as atitudes das personagens, de forma que os pais possam conhecer o que seu filho pensa da violência. A presença constante dos pais nos programas que seus filhos escolhem será benéfica para sua formação, pois não é somente proibindo que os pais estarão educando. A curiosidade do jovem em busca do proibido é imensa.

Os tempos mudaram e todos os conceitos que temos sobre educação, família, escola também mudaram, mas nem sempre essas mudanças são benéficas, principalmente quando o foco delas são as crianças e os adolescentes.

No tocante à educação, se faz necessário acompanhar toda evolução, pois o papel principal da escola e da família é transmitir conhecimento, compartilhar, transmitir valores, contribuir para uma vida melhor, em família e em sociedade.

Educar representa uma grande responsabilidade e, como se costuma dizer, “começa no berço”; é a chamada educação informal que se aprende no dia a dia com a família e os amigos, assimilando-se as regras do convívio social. Já a educação formal é função da escola, continuação da educação iniciada em família.

Os pais colocam seus filhos cada vez mais cedo nas escolas e cobram dos profissionais da área uma responsabilidade que é deles.

Para que haja uma educação baseada na transmissão de valores morais é necessário a participação dos pais, da escola e, também, da sociedade, fortalecendo o indivíduo, transformando-o em um ser humano completo, equilibrado entre o sentimento e a razão, destacando a importante função do amor, porque não pode existir educação fora do amor.

Assim, deduz-se que a educação moral significa formação do caráter, potencialização das virtudes, sensibilização de sentimentos, direcionamento da inteligência para o bem e a construção do homem integral.

A construção de um ser humano integral e, em consequência, de uma sociedade justa só será possível transformando-se as escolas em verdadeiros centros de educação, tomando como princípio estimular as “forças morais, intelectuais e físicas, despertando e desenvolvendo tais princípios de maneira que o ser humano se complete e seja feliz, sabendo viver uma vida digna” (PESTALOZZI, 2006).

Na integração famílias e escola, os conflitos também geram ruídos na comunicação, impedindo o diálogo e, ao mesmo tempo, sepultando o caminho das soluções. Verificou-se que, em vez de educar verdadeiramente, a escola está mais preocupada em instruir, embora nem isto ela venha fazendo atualmente.

A prática das virtudes, tão acentuada na educação, deixa de ser prática ensinada na família e escola.

A família de cada aluno deve ser respeitada como ela é. Daí a necessidade de trazer as famílias para dentro da escola.

Pautando-se nos ensinamentos dos grandes educadores para a formação integral do aluno, pode-se criar a escola dos nossos sonhos, promovendo o construtivismo de Piaget, a arte de pensar de Vigotsky, as inteligências múltiplas de Gardner, objetivando a educação da emoção, a educação da autoestima, o desenvolvimento da solidariedade, da tolerância, da segurança, do raciocínio, da capacidade de gerenciar os pensamentos, enfim, formando pensadores.

Freire (2006) reforça que a formação é “um fazer permanente [...] que se refaz constantemente na ação. Para se ser, tem de se estar sendo”. Eis o papel da escola.

## 2.2 O Papel da Família

As famílias são o resultado de organização histórica entre os seres humanos. Pelas necessidades materiais de sobrevivência e de reprodução da espécie, os seres humanos inventaram diferentes formas de relação entre si. Foi ao longo da história que as diferentes organizações familiares foram surgindo. Uma das formas de organização, centrada na figura masculina, foi a família patriarcal. Houve, e ainda há, outras configurações familiares, entre elas as famílias chefiadas por mulheres, centrada na figura feminina.

No Brasil, a instituição familiar teve como ponto de partida o modelo patriarcal, importado pela colonização e adaptado às condições sociais do Brasil de então.

Se fizermos uma retrospectiva, descobriremos que, no período do Brasil Colônia, a família passou por transformações importantes em seu relacionamento com o contexto socioeconômico e político, marcado pelo trabalho escravo, construindo um modelo de família tradicional, de cunho patriarcal e com muitos filhos.

Segundo os historiadores, os laços de sangue constituíam dois grupos distintos: a família que pode ser comparada com a família moderna e a família que mantinha sua solidariedade com todos os descendentes de um mesmo ancestral. Havia uma oposição entre a família e a linhagem. Ao mesmo tempo em que uma progredia, a outra enfraquecia.

A partir do final do século XIX, com a Proclamação da República e o início do processo de industrialização, surge um novo modelo de família, a família burguesa, originária da Europa. “As pessoas viviam num estado de contraste; o nascimento nobre ou a fortuna andavam lado a lado com a miséria, o vício com a virtude, o escândalo com a devoção” (ÁRIES, 2006, p. 196).

Como era a família? Ela era composta pelos membros que residiam juntos, vários elementos, vários casais que viviam na mesma propriedade. Os filhos, que não tinham bens próprios, se agrupavam em torno dos pais. Essa tendência à indivisão da família deu origem à grande família patriarcal. Da família patriarcal, considerada a célula social e a base dos estados, derivou a família nuclear (ARIÈS,

2006), constituída pelo núcleo familiar pai, mãe e filhos.

Com as mudanças socioculturais ocorridas no Brasil no século XX, a família foi uma das instituições mais atingidas. O aumento de divórcios, o controle da natalidade, a redução dos componentes da família, o uso de contraceptivos, a emancipação feminina, o aumento do individualismo, a postura equivocada dos jovens frente aos valores humanos e seu discernimento entre liberdade e libertinagem, a proliferação da AIDS, entre outras doenças, foram consequências dessas mudanças. A industrialização e urbanização da sociedade consolidaram essas alterações, modificando os papéis sociais que a sociedade havia atribuído à família.

Hoje é impossível idealizar um único tipo de família, já que vivemos numa sociedade diversificada do ponto de vista étnico, cultural, social e econômico.

Ao abordar o tema sobre a família atual, deve-se lembrar que hoje há uma diversidade de modelos familiares com identidades próprias, mas que mantêm entre si muitos traços em comum.

As famílias são formadas por um agrupamento de pessoas identificadas por laços consanguíneos, mantendo cada uma sua história característica, e têm como responsabilidade básica proteger os seus membros e prover-lhes a subsistência.

Devemos levar em conta que a diversificação de tipos de famílias está relacionada com a transformação na maneira de viver das pessoas, que representa os valores e as condições da sociedade em que elas estão inseridas. O certo é que a família, independentemente de seu modelo, é a base de construção da cidadania de cada indivíduo.

Portanto, o modelo de família considerado “real” e que faz parte de nossa cultura é o da família nuclear; esse é o modelo hegemônico da sociedade brasileira que se deve ressaltar. Entretanto, esta não é a única forma de organização familiar existente nos dias de hoje.

Se fizermos uma retrospectiva, vemos que, até 1960, casar, criar filhos era um projeto de vida: tal projeto perdeu o sentido; os valores, atualmente, são outros. Pode-se reportar esse fato também à política autoritária da época, não apenas do Brasil, mas de diversos países do mundo, que levou jovens a revoltar-se contra todo poder constituído. Buscavam quebrar barreiras e a primeira a ser

atingida foi a família, pois era a mais próxima. Passou a ter prioridade o amor livre, a rebelião contra as instituições.

As relações familiares devem estar acompanhadas de muita reflexão e de diálogo para a busca de solução de problemas que venham afetar e desagregar a família. A educação dos filhos exige a compreensão e o trabalho conjunto dos pais. A esse respeito, Marinoff comenta que “as crianças são moldadas durante muitos anos pelos adultos de quem dependem. Isso confere aos pais a obrigação de fazer o máximo para estimular e inculcar as características que resultarão numa vida virtuosa” (2001, p. 163-164).

No início da colonização do Brasil, a cultura se implantava sob a influência portuguesa. O grau de acesso às letras determinava a própria estrutura social brasileira. Este princípio fez com que os colégios fossem destinados aos filhos de colonizadores.

Eis um traço que marca, ainda hoje, a cultura brasileira e está historicamente inserido na organização do nosso sistema educacional. A família burguesa era autoritária e os filhos eram submissos. A escola, por sua vez, centrava a educação nas aptidões para o trabalho. A escola profissionalizante destinava-se aos jovens provenientes de classes menos favorecidas e os cursos superiores, considerados mais nobres como medicina, engenharia, direito, estavam reservados aos filhos das classes dirigentes.

A educação passou a ser considerada de grande importância. O comércio crescia, novos cargos e novos postos de trabalho surgiam; a escola primária começou a destacar-se, pois passou a ser a responsável pela diminuição da diferença entre a elite e o povo.

Merton (2005, p. 45) faz questionamentos acerca da realidade e apresenta reflexões que são verdadeiros *insights* a respeito da formação do ser humano e do desenvolvimento da humanidade. Para ele, cabe a pergunta: qual é o lugar privilegiado, o ponto de partida da educação e da verdadeira identidade do ser humano? Não resta dúvida de que a família constitui a instituição privilegiada, a primeira a desempenhar a função educativa. Ela é a primeira escola. É no seu meio que o ser humano aprende a ser verdadeiramente humano. Ela é o primeiro espaço em que o indivíduo participa e no qual aprende a conviver em sociedade. No seio familiar se faz a transmissão de valores, costumes e tradições de geração para

geração. O ambiente familiar é o lugar onde se aprende a viver, a ser e estar, onde se começa o processo de conscientização a respeito dos valores sociais, onde se aprende a respeitar os outros e a colaborar com eles.

A religião e a fé estão vinculadas às famílias, porque a oração, o perdão, os valores espirituais muito contribuem para educação da pessoa, a consistência das famílias e o bem da sociedade.

As famílias possuem direitos e deveres, conforme está na Constituição (1988), para sua preservação. Os pais dão vida aos filhos e os apoiam em suas necessidades durante seu crescimento até a vida adulta.

As famílias têm papel educativo e servem de referência no decorrer da vida das crianças, porém sabe-se que nem sempre esta influência será positiva; por isso o cuidado e a atenção devem ser redobrados. Acredita-se ser a família a unidade básica de desenvolvimento e experiência, realização ou fracasso, saúde ou doença.

A competência da família estável é a de proporcionar condições para que a criança possa aprender as qualidades inerentes ao ser humano, ou seja, possa aprender a ser mais humana, a amar, a formar sua personalidade, a desenvolver sua autoimagem, enfim, a relacionar-se com a sociedade em que está inserida.

Reforça-se que a formação do ser humano ainda começa na família, com um processo de humanização e libertação que busca fazer da criança um ser civilizado, e a escola participa desse processo, passando um conhecimento que o prepara para a vida, dando-lhe o poder de transformar e modificar o mundo onde vive. Educar é um ato que visa à convivência social, à cidadania e à tomada de consciência política. A educação escolar, além de se preocupar com a transmissão de conhecimentos, deve assumir a incumbência de preparar as pessoas para o exercício da cidadania e, para tanto, deve acompanhar o desenvolvimento tecnológico.

Com seu exemplo de vida, os pais são, de fato, os primeiros mestres da educação. A família passa a ser um exercício da prática, das virtudes, da ética, da moral e da cidadania. “A virtude é uma força que age, ou que pode agir” (COMTE-SPONVILLE, 1999, p. 7). A virtude de uma pessoa é o que constitui o seu valor. Enfim, independentemente de seu modelo, a família é a base de construção

da cidadania de cada indivíduo.

Pode-se considerar a família como um sistema bastante complexo, uma vez que:

- a) Cada família é única, diferindo em tamanho, elementos que a compõem, valores, etc.
- b) É um sistema altamente interativo, pois o que ocorre com um de seus elementos repercute em todo ele.
- c) Passa por vários estágios de desenvolvimento, com grandes mudanças. Ex.: a entrada de cada filho na relação, a fase da velhice dos pais, etc.
- d) Alta expectativa de desempenho em atividades e, em contrapartida, sentimentos de que ele filho é um indivíduo incapaz de produzir.
- e) Está inserida em unidade social maior, sofrendo o impacto de sociopatologias, como guerras, recessão econômica, etc.

Tradicionalmente as famílias possuem um princípio da reciprocidade e da hierarquia, papéis familiares são predeterminados e não conflitivos. A família precisa manter o respeito mútuo. Os pais, usando de sua autoridade para conduzir a educação dos filhos, sem, contudo, serem autoritários, respeitando os limites da autonomia, estarão proporcionando a construção de uma moral autônoma, “que consiste em compreender o porquê das leis que a sociedade nos impõe e que não somos livres de recusar” (PIAGET, 1996, p. 57).

Piaget questiona esse processo, afirmando o grande prejuízo que causa às crianças a permissividade, pois elas passam a abusar e ficam sem limites.

Portanto, educar sem estabelecer regras, ou ignorar que estas não podem ser recusadas, impede o desenvolvimento da criança individualmente e a conscientização do outro, transformando-a em um adulto incapaz de escolher.

Para que o indivíduo adquira a noção de justiça, que se estende ao plano da cidadania, é preciso que tenha incorporado as regras com base no respeito mútuo, na cooperação e não no respeito unilateral e na coação. Essas noções, que devem ser adquiridas na família, pressupõem pais que sejam capazes de exercerem esse sentido de justiça em suas próprias vidas, que consigam respeitar os limites da autonomia, que envolva tanto o sentido de si como do outro, em busca de um ambiente mais propício ao desenvolvimento de seus filhos. (PIAGET, 1996, p. 59)

Para que a criança e o jovem adquiram a noção de cidadania e de justiça, torna-se necessário que os pais deem o exemplo e que consigam respeitar os limites da autonomia já dentro de casa. O respeito mútuo deve ser exercido livremente, numa demonstração de que a criança e o jovem absorveram a noção de justiça.

A importância da família resume-se no apoio essencial para a conquista da maturidade emocional da criança, pois proporciona um caminho de transição entre os cuidados dos pais e a vida social. É o porto seguro, o “colo”, o lugar de onde podem sair, mas para o qual podem voltar sempre e de maneira saudável.

A família constitui um dos pilares mais importantes da humanidade. Ela é a escola dos valores, do civismo, da ética, lugar em que a vida humana deve ser acolhida responsabilmente. Morais (1986, p. 9), a respeito do assunto, diz que, “o meio no qual uma criança vive sua primeira infância, principalmente o ambiente familiar, é de suma importância para a vida adulta que tal criança terá”.

A promoção da vida e da educação tem reflexos na vida adulta do ser humano. Promover a família significa atender às exigências humanas e estabelecer o amor conjugal.

A educação, por essa razão, não é apenas fixar limites, mas orientar para que o jovem atinja metas de excelência e busque objetivos no uso da liberdade. Deve-se canalizar a liberdade de modo que traga benefício aos outros e à própria pessoa. A criança, o jovem e o adolescente precisam de uma orientação para se tornarem adultos e poderem empreender por si a própria vida. Não resta dúvida de que cada pessoa é diferente. Orientar é ir gradativamente proporcionando a liberdade até que um dia os filhos, os alunos enfrentem a vida sozinhos, por conta própria, com segurança e confiança. Em muitos casos o rumo que os filhos tomam na vida não é responsabilidade dos pais, mas os pais têm obrigação de educá-los. A educação que apenas fixa limites não parece ser a melhor receita educativa para o desenvolvimento da personalidade dos filhos.

Cada filho é um bem em si mesmo, por mais dificuldades que sua vinda acarrete. Está situado no ponto de encontro do amor entre o pai e a mãe, vem confirmá-lo, fortalecê-lo, aprofundá-lo. Cada filho exige dos pais um aprimoramento no exercício de se doar pelo bem de outrem, apela ao seu interior, à razão e à

sensibilidade; clama por identificar neles a grandeza natural a que todo homem procura se ordenar, a imagem em que espelhar-se... E quando essa expectativa se frustra, frustra-se também boa parte de suas mais nobres aspirações. A paternidade responsável é missão grandiosa que não comporta demissão. Ser pai é estar atento todos os dias do ano, todos os dias da existência. É dar a liberdade para que o filho tome suas iniciativas, estando sempre vigilante e orientando quando se fizer necessário. Para a relação ser duradoura, tem de se basear no respeito. Não deve existir preconceito, pois a criança deve ser preparada para enfrentar o mundo de amanhã, com responsabilidade. A característica principal da família é “a capacidade de seus membros de manter e educar seus dependentes para a vida, segundo princípios éticos, culturais e legais” (BERNARD CHARLOT, 2006 p. 34). Podem-se destacar, como exemplo, algumas atitudes que poderão favorecer o sucesso dos filhos:

- a) Abraçar e desejar sempre coisas boas ao sair de casa para a escola ou a passeio.
- b) Ao retornar para casa, procurar conversar com o filho e saber como foi na escola ou como foi no passeio.
- c) Ao notar qualquer problema com o filho, tais como notas baixas, desentendimento com colegas etc., dirigir-se à escola para saber o que está acontecendo, compartilhar os problemas com a escola, sem omitir e nem julgar.
- d) Manter uma relação de respeito e consideração para com os professores.
- e) Elogiar o filho pelo êxito em suas atitudes por menores que sejam, reforçando sua autoestima e a confiança.

"Não é preciso que os pais sejam perfeitos, eles apenas devem ser atentos, sensíveis e humanos" (BUSCAGLIA, 1993; p. 104).

Viver de acordo com a virtude não é tão fácil nem tão atraente para as crianças e os jovens. A virtude é uma conquista mediante o treino e o esforço. Entretanto, os benefícios que a virtude proporciona compensam o esforço.

As crianças precisam de orientação, tarefa deixada de lado por muitos pais que, embora convencidos da necessidade de colocar limites, na hora de agir sentem-se inseguros e educam com uma tolerância exagerada, até perder o controle da situação.

Diversos estudiosos abordaram o assunto das funções da família; a seguir destacamos alguns.

Duvall e Miller (apud STANHOPE, 1999, p. 502) identificaram as seguintes funções da família: “proporcionadora de segurança e aceitação pessoal”,

promovendo um desenvolvimento pessoal natural; “proporcionadora de satisfação e sentimento de utilidade”, por meio de atividades que satisfazem os membros da família; “asseguradora da continuidade das relações”, proporcionando relações duradouras entre os familiares; “proporcionadora de estabilidade e socialização”, assegurando a continuidade da cultura da sociedade correspondente; “impositora da autoridade e do sentimento do que é correto”, relacionado com a aprendizagem das regras e normas, direitos e obrigações características das sociedades humanas.

Stanhope (1999, p. 503) acrescenta a função relativa à saúde, uma vez que a família protege a saúde dos seus membros, apoiando-os em suas necessidades básicas em situações de doença.

Serra (1999, p. 5-6) defende que a função primordial da família é proteção, apoio emocional para a resolução de problemas e conflitos, “podendo formar uma barreira defensiva contra agressões externas”. Fallon (apud SERRA, 1999, p. 6) reforça que “a família ajuda a manter a saúde física e mental do indivíduo, por constituir o maior recurso natural para lidar com situações potenciadoras de stress associadas à vida na comunidade”.

Para Valente (1995, p. 30), a importância da afetividade para a criança é primordial, pois é tão imprescindível como uma alimentação orgânica. “Sem o afeto de um adulto, o ser humano enquanto criança não desenvolve a sua capacidade de confiar e de se relacionar com o outro”.

A família deve ser respeitada pela sociedade e pelo Estado, ter seus direitos humanos e sociais preservados, implicando no reconhecimento de funções específicas. Em síntese, colocam-se aqui exemplos de funções e o papel que a família desempenha:

- a) Base da sociedade: é da família que saem os cidadãos e é na família que se encontra a primeira escola das virtudes sociais, que são a alma da vida e do desenvolvimento da mesma sociedade.
- b) Meio de transmissão de valores: desempenha o papel de formar pessoas conscientes da sua responsabilidade social, ligadas aos ideais de justiça, de paz, de liberdade e de amor por todos os seres humanos, ampliando-se estes valores a toda sociedade.
- c) Socioeducativa: os pais têm a obrigação de educar os filhos e, por isso, devem ser reconhecidos como primeiros e principais

educadores.

Portanto, a função educativa é de suma importância, considerando que ela é responsável pelos fundamentos da educação dos filhos. Não é possível construir o edifício da educação das futuras gerações sobre a areia movediça. Os pais têm a responsabilidade de começar a construir a educação sobre a rocha, levando em consideração o estado atual da geração humana.

O ser humano não nasce pronto e acabado, mas será construído no seu devir mediante a educação, que começa na família.

A educação procura dar um caráter genuinamente humano, realizando valores dentro do próprio homem, para que o homem seja aquilo que deve ser, e desenvolvendo o que já existe potencialmente no educando. Essa função cabe, em primeiro lugar, aos pais.

Os pais que transmitiram a vida aos filhos têm, também, a função de educá-los, estabelecer os limites de convivência social, de forma que essa convivência seja agradável e saudável. Deparamos, hoje, com crianças que têm absolutamente tudo que querem, com pais incapazes de dizer não, que conseqüentemente estimulam o consumismo descontrolado em seus filhos. Os pais devem ser os primeiros e principais educadores. Se esta função falhar, dificilmente será suprida.

Já, quando o assunto é limite, o que vem à mente é a educação. Educar é o ato de transmitir aos filhos os costumes, valores e normas existentes na sociedade. Apesar de a educação se iniciar já no berço, dificilmente os pais conversam entre si sobre o tipo de educação que pretendem dar às crianças. Esta educação pode ser liberal, permitindo à criança liberdade total, dando-lhe a sensação de falta de apoio, pois passa pelas experiências de vida com frustrações e sofrimento. Caso a opção seja de uma educação extremamente controladora, não permitindo à criança independência para fazer nada, a consequência é a impossibilidade de a criança desenvolver a iniciativa e a criatividade, sem chances de viver experiências e, com isso, ela deixa de conhecer sua capacidade. Evidencia-se, com isso, que a educação, em qualquer extremo, pode desenvolver na criança distúrbios de conduta, timidez excessiva, agressividade. O correto é manter um ambiente saudável, equilibrado, propiciando o desenvolvimento dos filhos, dando-

lhes apoio, independência, liberdade de escolha, propiciando-lhe referências seguras e consistentes, consciência de suas possibilidades e capacidades, segurança interna, autoestima.

A expressão "é preciso que as crianças saibam que há limites" tornou-se muito conhecida entre professores, educadores e pais de jovens e adolescentes. Alguns educadores, orientadores e terapeutas defendem a teoria de que os jovens estão mal orientados, que os pais não estabelecem limites e que superprotegem seus filhos.

A educação atual está sendo norteada por limites, que veladamente impõem ao jovem que ele seja livre, mas que saiba administrar esta liberdade, diferentemente do que se ouvia nos anos 70, quando o lema era: "é proibido proibir..."

Entretanto, em relação a limites, a curiosidade da criança, a energia vital do jovem e a formação da personalidade do adolescente fazem com que eles se dirijam, até como autoafirmação, às fronteiras do permitido. Os pais e os educadores consideram que sua missão está cumprida, desde que estes limites não sejam ultrapassados, ou seja, que esta criança ou adolescente saiba respeitar a liberdade individual, a capacidade criativa e a iniciativa, desde que respeitados os parâmetros de comportamento que se esperam deles.

Mas como saber qual o limite a ser transmitido, ou exigido por pais e educadores? O limite da vida é a morte.

Educar para os limites é submeter a graves riscos os jovens e adolescentes. A idéia que está por trás dos limites é que a liberdade é um fim e não um meio. O jovem não é mais livre quando faz o que quer dentro de determinadas fronteiras. O jovem exercita melhor a sua liberdade quando escolhe dar o melhor de si, quando aspira a excelência humana, quando aspira a coisas grandes. A liberdade é um meio e não um fim. Um meio para poder fazer coisas maravilhosas ou arruinar-se como pessoa humana. Quando se faz da liberdade um fim, o jovem e o não jovem torna-se um escravo da própria liberdade. É livre, mas não sabe o que fazer com a liberdade. (RAMOS, 1999)

A liberdade é um fim e não um meio. O jovem exercita melhor a sua liberdade quando aspira à "excelência humana", quando apresenta grandes ambições. Através da liberdade, o jovem tem a oportunidade de tomar decisões e fazer coisas maravilhosas, ou, se não souber usá-la, pode arruinar-se como ser humano, pois educar para os limites é "submeter a graves riscos os jovens e

adolescentes”.

A diferença entre educar para a liberdade como fim e como meio está em ter um objetivo. Cada pessoa é diferente e precisa encontrar seu lugar no mundo. Educar é conduzir para fora o melhor de cada um, ou seja, a missão do educador é descobrir o que há de melhor em cada um e dar estímulos para que os melhores dons sejam cultivados. A liberdade é um dom que pode frutificar ou perder-se, mas nunca um fim em si.

Por essa razão, educar não é apenas fixar limites, mas orientar para que o jovem atinja metas de excelência e busque objetivos no uso da liberdade. Deve-se canalizar a liberdade de modo que traga benefício aos outros e à própria pessoa. A criança, o jovem e o adolescente precisam de uma orientação para tornar-se adultos e poder empreender por si a própria vida. Cada pessoa é diferente. Orientar é ir gradativamente proporcionando a liberdade até que um dia os filhos, os alunos enfrentem a vida sozinhos, por conta própria, com segurança e confiança.

A autoridade, a estabilidade e as relações familiares dão fundamentação à liberdade, à segurança e à fraternidade, gerando equilíbrio necessário para convivência em sociedade. É na comunidade que se aprendem os valores morais. A vida em família é a iniciação da vida em sociedade. Influencia a sociedade e é influenciada por esta. Representa e manifesta valores éticos e culturais de solidariedade, educação e convivência, essenciais para a humanidade. Promove a aprendizagem e fomenta as relações de cooperação entre os homens de diferentes sociedades e culturas.

O ser humano tem a facilidade de comunicar por meio da fala, da elaboração de palavras, exclusividade de nossa espécie. Porém, em muitas famílias, a comunicação, o diálogo entre os membros, limita-se a dar ordens, convencer ou impor. Já em famílias onde existem níveis adequados de comunicação, a criança não somente recebe indicações, como é consultada, ouvida, tomada em conta nas suas opiniões e recebe explicações em relação a decisões que a envolvem. Conversar pelo prazer de conversar com as crianças ajuda-as a desenvolver esta habilidade e, muitas vezes, poderá definir o êxito ou fracasso na escola e na vida social.

Para se criar intimidade entre as pessoas é indispensável que haja troca de informações, diálogo. É importante comentar, discutir acontecimentos do

dia, os bons e maus momentos, dúvidas, desejos, frustrações, enfim, é preciso compartilhar. De que outra forma podemos conhecer-nos uns aos outros? Como os pais podem acompanhar o que se passa com seus filhos sem o diálogo? E o casal, como pode conviver sem diálogo?

Hoje quase não existe diálogo; com a televisão para os adultos, a internet para os jovens e crianças, o diálogo está ficando no passado. As crianças não são estimuladas em sua imaginação e criatividade, jovens não mais pedem a opinião dos pais, e estes, muitas vezes se acomodam e não se importam com a dificuldade enfrentada pelos filhos.

Justifica-se esta dificuldade em relacionar-se e dialogar com a falta de tempo dos pais, que trabalham para prover o sustento da família, querendo compensar os filhos por sua ausência, ou simplesmente dar-lhes aquilo que não tiveram na infância. Isso acaba gerando mais confusão, pois os valores são trocados e, ao invés de ensinar a criança a “ser”, ensinam o que pode “ter”, reproduzindo a dinâmica social do mercado.

Nesta confusão, os pais, que deveriam ser os primeiros educadores, acabam repassando esta responsabilidade aos professores, à escola de uma forma geral. Esta, muito embora tenha um papel primordial na educação da criança, não pode tirar a responsabilidade dos pais que devem assumir e tomar decisões, mostrando o certo e o errado, o que se pode ou não pode fazer, enfim, os limites da convivência em sociedade.

A criança que recebe limites, sente-se amada, segura, pois aprende que é preciso respeitar o direito e o espaço do outro, da mesma forma que o seu direito e o seu espaço são respeitados. Vai percebendo que no seu meio existem outras necessidades da família e não somente a sua diversão e os seus prazeres e, aos poucos, consegue ter entendimento desses conceitos, ensinados através do diálogo e da amizade. (BARROS, 2008)

Ao impor limites para os filhos, os pais estarão dando demonstração de amor e passando segurança para a criança. Ela aprende que é preciso respeitar o espaço do outro, que também tem seus direitos que devem ser assegurados. É necessário que haja muito diálogo e uma demonstração de amizade por parte dos pais.

Na medida em que cada ser humano se torna criador de seus próprios valores, é inevitável o choque com o outro que também quer ter o direito de criar os

seus. Numa sociedade pluralista e democrática todos têm o direito de apresentar e defender suas convicções. Entretanto, com as profundas mudanças culturais e sua massificação, com o processo de globalização, com a concepção de subtrair o processo econômico de uma avaliação ética e moral, com o relativismo ético, fica a pessoa livre para buscar tudo aquilo que lhe dá satisfação e praticidade.

Ao que parece, a estrutura familiar vem modificando-se a cada dia e trazendo consequências lastimáveis. A competição no mercado de trabalho diminui o convívio familiar, ou as dificuldades encontradas no trabalho acabam sendo tema central do “diálogo” dos casais em fins de semana e horários livres. Separações são cada vez mais frequentes e, com isso, a educação dos filhos fica sob a responsabilidade quase exclusiva das mães. As atividades de lazer prazerosas para os jovens não condizem com as escolhas e preferências dos pais.

Com a revolução sexual dos anos 60, a mulher passou a disputar também o mercado de trabalho, em concomitância com alterações econômicas e sociais, transição demográfica, novas tecnologias, mães adolescentes, conflitos e violência doméstica, fuga de crianças e adolescentes para as ruas. Essa realidade mostra que a estrutura da família mudou, mas continua com a mesma função social.

Do ponto de vista escolar, era considerada competência da família criar e educar os filhos.

Para que a educação pedagógica tenha eficácia e possa ser efetivada depende da estrutura familiar do aluno. Quando a família valoriza a aprendizagem, estimula a criança. O interesse dos pais pelo que seus filhos produzem, aprendem, faz com que eles se sintam valorizados em suas atividades. Todo aprendizado inicial da criança é endereçado à mãe e ao pai e depende da recepção dos pais nesse processo o que a criança fará depois.

Com efeito, a família constitui o ponto de partida básico da educação. Daí a necessidade de a educação preocupar-se com a formação das famílias, para que os pais eduquem continuamente seus filhos transmitindo-lhes, com amor, solidez e testemunho, no cotidiano, os valores básicos indispensáveis.

A família e a escola têm o mesmo objetivo, a formação integral da criança, a preparação de seu equilíbrio emocional e social; por isso, é preciso que ambas caminhem juntas, de mãos dadas.

Ao longo do século XX, cresceu o interesse pelo conhecimento da

criança, em vários campos do conhecimento, desde que o historiador Philippe Áries publicou, nos anos 1970, seu estudo sobre a história social da criança e da família, analisando o surgimento da noção de infância na sociedade moderna, pois as visões sobre a infância são construídas social e historicamente.

Os estudos de Philippe Áries (2006) indicam que o conceito de infância muda historicamente em razão de determinantes sociais, culturais, políticas e econômicas. O historiador desmistifica o conceito único de infância, chamando a atenção para o fato de que existem infâncias e não infância. Áries aponta para a necessidade de desconstruir padrões relativos à concepção burguesa de família e infância.

Quando se discute o tema “família”, vê-se que, com tantas mudanças que ocorrem, as relações baseadas no amor não se limitam aos papéis tradicionais que se modificam à medida que se alteram as funções da família.

A função emocional garante aos membros da família a saúde mental e a harmonia do lar que gera o equilíbrio emotivo, porém a família não sobrevive somente disso. Ao longo dos tempos, assume ou deixa de lado funções de proteção e socialização de seus membros, como resposta às necessidades da sociedade, na perspectiva de estabelecer objetivos em nível interno, tal como a proteção psicossocial e, em nível externo, a acomodação a uma cultura e sua transmissão. “A família deve então, responder às mudanças externas e internas de modo a atender às novas circunstâncias sem, no entanto, perder a continuidade, proporcionando sempre um esquema de referência para os seus membros” (MINUCHIN, 1990, p. 63).

O objetivo principal é levar a família a assumir um papel na realização de uma educação permanente, participativa, consciente de que é fundamental para o desenvolvimento integral e equilibrado da criança, sendo também extremamente importante sua colaboração com a escola.

A família e a escola, como todas as instituições sociais, passam por mudanças, por uma evolução cuja função é redefinir estrutura, objetivos, fundamentação. E hoje, com a emancipação feminina, os papéis da escola foram ampliados para dar conta das novas demandas da família e da sociedade. As mulheres não se encontram preparadas sequer para enfrentar, quanto mais para solucionar os problemas que os educadores de seus filhos lhes entregam, ou

transferem, nas reuniões de pais.

Faz parte do instinto de perpetuação os pais cuidarem dos filhos, mas é a educação que os qualifica como seres civilizados. Atualmente nas escolas e em casa, os pais/educadores não sabem mais o que fazer para que as crianças sejam disciplinadas.

Mas, neste contexto, obviamente cada instituição apresenta suas reclamações e expectativas em relação ao outro, gerando cobranças, pois, enquanto os professores acham que os pais devem impor limites e ensinar princípios básicos de convivência em sociedade, os pais se recusam a comparecer na escola, alegando que a função de educar é da escola.

Em resumo: se as famílias não se conscientizarem de sua função primordial, e assumirem isso, sem vergonha, sem medo, não poderão cobrar posturas da escola na educação de seus filhos. Por isso, se faz necessária a conscientização de ambos para a preparação dos jovens para uma vida plena, sem medos, sem carências, sem distúrbios de comportamento, em busca de objetivos reais, por meio do conhecimento e da cultura.

Na integração família e escola, os conflitos também geram ruídos na comunicação, impedindo o diálogo e, ao mesmo tempo, sepultando o caminho das soluções.

A prática das virtudes, tão acentuadas na educação, deixa de ser prática ensinada na família e na escola.

Após análise das funções da família e da escola, no próximo item, serão apontados e analisados os principais desafios que essas instituições enfrentam no seu cotidiano.

### **3 DESAFIOS NA INTERAÇÃO FAMÍLIA – ESCOLA**

A vivência na docência e a reflexão sobre a prática pedagógica juntamente com momentos de maior intercâmbio com a família, vinculados à Constituinte Escolar, são a base deste estudo que investiga o envolvimento da família com a vida escolar e a aprendizagem do aluno. A família reflete os problemas da sociedade bem como a presença ou ausência de valores nos diversos contextos humanos, e, desse modo, é importante pesquisar sua relação com o desempenho escolar. Como professora do Ensino Fundamental e Médio há dezesseis anos, mantendo contato com crianças e adolescentes, estou preocupada com a falta de integração entre a família e a escola. Os profissionais que atuam na área educacional precisam ter clareza a respeito do papel da escola e das relações que ela escola deve manter com a família e a sociedade. Por isso é importante investigar a influência dos valores familiares no desempenho escolar, os sentimentos dos pais em relação à escola.

Abordamos questões como o significado do conceito de família, sua função social, bem como a função da escola que é a responsável pela criação de uma estrutura para os alunos. Apresentamos noções sobre como proceder no dia a dia, sobre o que é ser um cidadão, preparar o jovem para a vida.

A acolhida da família na escola é muito importante para o crescimento da criança e do adolescente no que diz respeito à sua formação. Professores, juntamente com os pais, podem produzir análises inovadoras e encontrar caminhos que façam com que os sonhos renasçam na escola e na família, pois escola e família têm os mesmos objetivos: fazer a criança e o jovem se desenvolverem em todos os aspectos e terem sucesso na aprendizagem.

#### **3.1 A Necessidade de Limites: As Mediações Tecnificadas e a Socialização Infanto-juvenil**

Atualmente crescem as expectativas em torno da escola, principalmente no que se refere à inicialização de um indivíduo na compreensão da

democracia e da cidadania, mas para se alcançar o sentido disso, precisa entender melhor o que é a cidadania, mesmo que de maneira breve.

Em direito internacional, cidadania diz respeito à nacionalidade: o direito de pertencer a uma nação. Para além dessa noção, cidadania incorpora a garantia de se ter: a) proteção legal – na perspectiva da igualdade, como a de que todos são iguais perante a lei; b) o direito de locomover-se – ir de um lugar para o outro livremente; c) participação política – votar e ser votado, interferir na vida política; d) direito de expressão. (CARVALHO, 1999, p. 87)

Encontram-se diversos significados de cidadania, um deles aponta que “cidadania diz respeito a pertencer a uma nação”. Ao cidadão alguns direitos serão assegurados, como por exemplo: todos são iguais perante a lei, o direito de ir e vir livremente, o direito de interferir na vida política através do voto, o direito de se expressar livremente. Já na concepção liberal o que predomina são os direitos individuais, a satisfação do interesse próprio. O modelo liberal defende ainda que “apenas a ação econômica privada pode conduzir ao bem-estar coletivo”. (BARBALET, 1989)

Rousseau desenvolveu, no século XVIII, um conceito baseado na noção grega de “polis” (cidade), à qual se liga “politikos” (político = ser social), assim, cidadania é um direito coletivo que favorece o desenvolvimento da individualidade, pressupõe a ação política e sua socialização.

Conquistar a cidadania significa conquistar um status social que requer envolvimento pessoal, participação, inserção no tipo de sociedade política em que se vive. Há mais de 2.000 anos, Aristóteles já definia cidadania como o status privilegiado do grupo dirigente da cidade-estado, portanto, o status da cidadania estava limitado aos autênticos participantes nas deliberações e no exercício do poder. Hoje, falar em cidadania é falar de toda a sociedade.

Ser cidadão é o equivalente a uma construção social, que se modifica ao longo da história, variável em cada parte do mundo.

Atualmente os cidadãos são membros de uma sociedade baseada na igualdade de todos perante a lei, mesmo não sendo sempre assim na prática. No Brasil e em outros países da América Latina, por exemplo, o direito à propriedade e o direito à educação, assegurados legalmente, são negados, na prática, à maioria da população. Por isso, é primordial entender as diferenças entre cidadania e direitos humanos. “A cidadania é regulada pelo Estado e pode variar de uma sociedade para

outra. Já os direitos humanos são universais e históricos, extrapolam os limites de uma nação” (MORETTI, 1999, p. 26).

Parte-se do princípio de que a educação se constitui no fato de que, em todas as sociedades, é necessário garantir a continuidade biológica, mas também a transmissão das normas, dos valores, dos símbolos e das crenças, conceitos cuja ausência pode destruir uma sociedade.

A função da escola, segundo Moretti (1999, p. 28), não é apenas ensinar “saberes científicos e [...] habilitar pessoas para a vida profissional”; seu objetivo deve ser maior. A escola deve preparar o indivíduo para o exercício de seus direitos. Porém, o exercício da cidadania não se aprende apenas dentro de uma sala de aula. A família deve dividir esta responsabilidade com a escola, com a igreja, os meios de comunicação, associações, etc.

Antigamente, formar e instruir gerações eram funções da Igreja e da família. Hoje houve uma mudança na organização social e a escola não tem saída: isso agora é também função dela.

Acredita-se que escola e família têm papéis bem definidos e complementares. Certas habilidades devem ser desenvolvidas pela escola, outras, pelos pais, ambos completando-se na formação e educação da criança e do jovem.

São múltiplas as mediações sociais na formação do conhecimento contemporâneo. A comunicação de massa exerce grande influência na formação dos jovens, principalmente no tocante ao desenvolvimento tecnológico a que os jovens têm acesso com facilidade; naturalmente, esses meios de comunicação não estão preocupados em assumir explicitamente o caráter pedagógico, mas eles influenciam profundamente a juventude, até mais que a educação desenvolvida na escola.

Pode-se afirmar que a educação está intimamente ligada a liberdade, democracia e cidadania. A educação precisa ser democrática, caso contrário não pode pregar democracia. É neste prisma que a integração escola-família se sobressai para o pleno desenvolvimento da criança, do adolescente e do jovem, sendo um processo envolvente, podendo estar presente em qualquer manifestação cotidiana. Assim, sempre que aplicada, torna-se evidente seu valor, tanto no aspecto físico, intelectual, moral, espiritual e social, já que se fundamenta na interferência dos processos vitais e culturais, em que os sonhos e fantasias serão meios para

realizações da vida.

A criança, desde a mais tenra idade, se desenvolve plenamente quando estimulada e incentivada, e busca alternativas de ação, pois a conduta familiar e a escolar propiciam relações sociais e individuais.

A família não pode ser considerada somente como o berço da cultura e a base da sociedade futura, mas é também o centro da vida social.

Os compromissos da vida contemporânea e as novas perspectivas de trabalho criam uma certa fronteira entre a escola e família, principalmente quando o assunto diz respeito à transmissão de valores. Os pais devem estar conscientes de que alguns valores do mundo privado são de responsabilidade deles e que compete à escola apenas reforçá-los e complementá-los.

Especialistas e profissionais da área de educação concluem que a violência escolar é consequência, em parte, de uma crise familiar, quando os pais, por não conseguirem impor autoridade, repassam esta autoridade de disciplinar e educar aos professores. Faz-se necessário que, no processo de educação, exista um esforço conjunto da sociedade para que não se sobrecarregue só a família, ou só a escola.

É evidente que as famílias não são mais como eram antes, ambos os pais trabalham fora, deixando a criança em casa em companhia do computador, da televisão ou dos videogames.

Aquino (2000) constatou, em um mapeamento da ONU realizado em 1998, que os desenhos animados apresentados pela televisão brasileira exibem 20 crimes a cada hora, e que as crianças em idade escolar passam mais de 50% vendo televisão do que fazendo deveres escolares, brincando e ajudando nas atividades caseiras e, atualmente, na internet e em jogos virtuais. Deste modo, o aumento da violência é justificável. Entram aí a atenção e a vigilância dos pais, que devem orientar a criança e o adolescente. Há necessidade de determinar limites para que a criança saiba o horário de fazer suas tarefas escolares e os momentos de assistir a programas de televisão.

Já no século XIX, encontram-se relatos de maus-tratos, porém somente na década de 1960, isso passa a constituir um problema de saúde e é identificado como a "síndrome do bebê espancado — SIBE" (the battered baby syndrome).

Dez anos depois, alguns países reconhecem, em nível mais amplo, os maus-tratos, que passam a ser vistos como um sério problema de saúde pública. Somente nos anos 1980, o Brasil passa a discutir o tema da violência, encarando a questão como um problema de saúde pública e, muito embora seja um problema seríssimo, são poucos os serviços e órgãos no país que identificam e cuidam das vítimas de maus-tratos.

As crianças são vítimas da violência inicialmente dentro de suas próprias famílias, através da violência física, sexual, psicológica, abandono intencional, negligência, em resumo, "um conjunto de atos violentos denominados maus-tratos" (DESLANDES, 2009).

A violência contra a criança traz consequências muitas vezes irreversíveis para o crescimento e desenvolvimento de suas vítimas, não só fisicamente, mas também psicologicamente. No Brasil, hoje, o desafio é conhecer o fenômeno de maus-tratos na realidade dos pais e usar este conhecimento como estratégia para encontrar formas para prevenir e evitar.

De acordo com Santos (1987, p. 37):

[...] A família "maltratante" é compreendida como partícipe de um problema que envolve uma complexidade de determinantes culturais, sócio-psicológicos, econômicos, religiosos e psiquiátricos, cujas diferenças regionais interferem na sua compreensão.

Compreende-se a família maltratante como um problema que envolve determinadas culturas ou credos religiosos e é característica de determinadas regiões.

A violência doméstica é complexa e geralmente mostra uma série de questões distintas que a predispõem: desemprego; condições de pobreza ou empobrecimento; valores culturais que justifiquem condutas violentas; conflitos conjugais; problemas psicológicos e afetivos; alcoolismo; falta de serviços básicos, como creches, escolas, habitações condizentes com as necessidades das pessoas que aí convivem.

Com isso a agressividade entre crianças e adolescentes aumenta, como resultado de uma conduta menos repressiva durante o processo educacional, mas, por outro lado, "os adolescentes podem estar mais violentos como resposta à violência estrutural da sociedade" (STITH, 1993).

Foi observado, nos casos de agressividade da criança e do adolescente, um histórico de privação emocional na infância, agressão física entre os pais, depressão materna, quebra precoce do vínculo mãe-filho, negligência ou rejeição materna, número elevado de substitutos maternos, abuso físico e sexual e conduta violenta em adolescentes. Ainda se percebem condutas violentas como parte da sobrevivência em classes populares, com poucos recursos financeiros. Outra situação, ainda, é a necessidade dos adolescentes de pertencer a grupos de culturas marginais e mostrar comportamento agressivo com o intuito de adaptar-se e ascender socialmente (MENEGHEL, 1995).

A família e a escola podem propiciar os comportamentos violentos, “na medida em que são responsáveis pela manutenção de papéis que condicionam os indivíduos a aceitar ou infligir sofrimento”. Exemplo característico na escola é a expulsão do aluno: no momento em que infringe uma determinação, uma norma, ele é punido imediatamente e, raras vezes, busca-se a causa de sua atitude.

Valoriza-se o discurso construtivista nas escolas, mas, diante de um ato de violência explícito ou mascarado e de um aluno agressivo, ou que não se enquadra nas normas, o aluno “acaba expulso ou convidado a se retirar” (MENEGHEL, 1995).

Os mesmos professores que, em teoria, consideram que ser um bom aluno não tem nada a ver com submissão, valorizam positivamente situações que incluem a obediência e repetição, e desvalorizam alunos em situações de agressividade, porque não se encaixam no modelo inconsciente do que é ser um bom aluno. (FERNANDEZ, 1992, p. 72).

É um tanto contraditório o modo com que é visto o bom aluno por alguns professores, pois os mesmos que consideram que o conceito nada tem a ver com submissão apregoam e valorizam a inclusão da obediência e da repetição e desvalorizam alunos que não se encaixam nesses princípios.

Considerar agressivo o comportamento da criança ou adolescente da escola é uma forma velada de violência, de discriminação, de rotulação dos alunos como delinquentes e perigosos e os professores costumam desvalorizar alunos infratores porque eles fogem do padrão do “bom aluno”. E se na família for fundamentada a idéia da dominação dos pais sobre os filhos para disciplinar adequadamente a criança, perde-se o limite entre punição física e agressão (EISENSTEIN; SOUZA; 1993).

Dentro de um processo disciplinar, são considerados abusos os castigos físicos aplicados pelos pais. Enfim, no abuso físico encontra-se a intenção e a consequência do ato agressivo, “assim como os critérios de valor da sociedade”.

A sociedade apresenta o seu quadro de pessoas violentas, com espírito destruidor. O adolescente, fruto desta mesma sociedade, partindo em busca de seus ideais com o objetivo de se afirmar, tem como exemplo a violência que o cerca e passa a utilizá-la para se defender ou para se identificar e se reafirmar como membro dessa sociedade que os vê como simples “agentes da violência”. Não há preocupação de se analisar se estes adolescentes são vítimas e não se busca dar o apoio e a orientação necessários para que eles passem a enxergar o seu real papel na sociedade.

A complexidade deste tema é tamanha que fica difícil explicar e entender até aonde a conduta agressiva de uma criança ou adolescente é uma reação de defesa ou uma intenção deliberado de prejudicar ou causar sofrimento a outrem. Fica difícil perceber quando deixam de ser vítimas e passam a ser agressores, pura e simplesmente.

O meio familiar, escola e outras instituições sociais que muitas vezes têm a função de educar e proteger, de maneira consciente ou não, articulam, através de normas e determinações, as diversas formas de violência, explícitas ou não, estimulando o comportamento agressivo do jovem.

Freire (1981, p. 61) diz que:

Educador e educando (liderança e massa), cointencionados à realidade, se encontram numa tarefa em que ambos são sujeitos no ato, não só de desvelá-la e assim, criticamente conhecê-la, mas também no de recriar esses conhecimentos. Deste modo, a presença dos oprimidos na busca de sua libertação, mas que é pseudo-participação, é o que deve ser: engajamento.

Segundo Freire, educador e educando encontram-se no mesmo nível na tarefa da busca pelo conhecimento da realidade e de recriação desses conhecimentos. Os oprimidos, por sua vez, partem para a conquista da libertação; eis aí o que é denominado de engajamento.

A delinquência juvenil vem aumentando a cada dia, no mundo todo, pelos motivos já citados, como desequilíbrio familiar, falta de orientação por parte dos pais. A escola com sua estrutura e organização é desafiada a enfrentar o

problema, pois as crianças e adolescentes não são mais aqueles seres passivos e obedientes tão comuns no passado, e o que vem agravar o desafio, sobretudo, é a impunidade.

A escola tem uma função primordial na tarefa de solucionar o problema da violência e delinquência de adolescente e de crianças, pois, como espaço onde existe o convívio e a procura de preparar o indivíduo para a vida em sociedade, precisa ter qualidade e integrar-se à comunidade a sua volta. Assim, o educador precisa lutar em busca de mudanças, pois ele é um agente de libertação e de transformação. “É preciso constituir uma escola sem exclusão, sem elitismo, na qual todos se engajem e tenham voz e vez” (TEIXEIRA, 1981, p. 53).

De acordo com Colombier et al. (1989), “a violência que as crianças e os adolescentes exercem é, antes de tudo, a que seu meio exerce sobre eles”. Ou seja, a criança simplesmente repete e demonstra na escola as suas frustrações no cotidiano. Todos ficam surpresos e perplexos ao se deparar com a crueldade que fere um indivíduo, uma vez que isso indiretamente atinge a sociedade.

A escola é o ponto de encontro de pessoas que encaram exigências, pessoais ou grupais, e isso com certeza gera uma série de conflitos. Conflitos nem sempre resolvidos pela simples experiência ou sabedoria, pois muitos destes ocorrem de forma inédita, surpreendendo mesmo os mais sábios.

O bullying “é uma forma intencional e repetitiva de atitudes agressivas dentro da escola”, em que um agride o outro com apelidos de baixo calão, xingamentos, agressões, provocações verbais; é uma maneira de violência que geralmente é mantida em silêncio pelo agredido, motivado pelo medo (CHALITA, 2008, p. 79).

O termo “bullying” é derivado da língua inglesa e “significa valentão, tirano”, usado para definir o “hábito de usar a superioridade física para intimidar, tyrannizar, amedrontar e humilhar outra pessoa”. É utilizado por profissionais da área de educação em todo o mundo, para explicar “o uso de apelidos maldosos e toda forma de atos desumanos empregados para atemorizar, excluir, humilhar, desprezar, ignorar e perseguir os outros” (CHALITA, 2008, p. 79).

Este “fenômeno”, considerado como violência moral aparece em qualquer grupo de criança, independentemente de classe social, econômica, se a escola é pública ou particular, área rural, ou urbana, ensino médio ou fundamental,

aqui no Brasil e no resto do mundo. E, muitas vezes, esses atos são confundidos nas escolas como uma simples agressão ou mera indisciplina. Necessita-se de atenção constante, pois os agressores atuam em áreas não observadas, com o intuito de desacreditar a vítima, caso essa denuncie o fato, evitando assim essa reação.

Em algum momento, todos fazem essas brincadeiras de mau gosto, ou passam por elas, ou testemunharam o fato em silêncio, até achando graça da situação. Em algum momento, são autores ou vítimas. Porém, atitude em nada inocente e muitas vezes ignorada por pais e educadores, “o bullying é um comportamento ofensivo, aviltante, humilhante, que desmoraliza de maneira repetida, com ataques violentos, cruéis e maliciosos, sejam físicos, sejam psicológicos” (CHALITA, 2008, p. 79). Este é um problema que se tornou universal e, na maioria das vezes, é tomado como natural.

Este tipo de violência afeta a personalidade, o futuro potencial e a saúde física e mental de suas vítimas. Gera danos irreparáveis para a família, a comunidade e a economia nacional. Alguns países já criaram leis proibindo a prática do bullying escolar.

As vítimas perdem o interesse pela escola, faltam às aulas para evitar novas agressões, apresentam cinco vezes mais probabilidade de terem depressão e, nos casos mais graves, estão sob um risco de abuso de drogas e de suicídio. A autoestima da criança pode ser afetada, causando uma piora no desempenho escolar e na integração social.

A atitude principalmente de meninos, quando partem para xingamentos, empurrões, chutes e apelidos ofensivos, pode ser considerada como o bullying direto, que não deve passar despercebido aos pais e professores, pois, ao perceberem a indiferença dos educadores e familiares, os agressores se sentem vitoriosos e intensificam sua atitude.

O “bullying” indireto é a forma mais comum entre o sexo feminino e crianças menores. Caracteriza-se basicamente por ações que levam a vítima ao isolamento social. As estratégias utilizadas são difamações, boatos cruéis, intrigas e fofocas, rumores degradantes sobre a vítima e familiares, entre outros. Os meios de comunicação costumam ser eficazes na prática do bullying indireto, pois propagam, com rapidez e dimensões incalculáveis, comentários cruéis e maliciosos sobre pessoas públicas. (CHALITA, 2008; p. 83)

Os pais devem evitar tirar a criança vítima do “bullying” de colégio, porque isso dá ao agressor a sensação de impunidade, estimulando-o a buscar uma outra vítima, e deixa a escola numa situação confortável, que a dispensa do uso da sua autoridade, sem deixar de citar que ensina que a vítima deve sempre fugir. O ideal é que os pais, tanto do agressor como da vítima, e a escola procurem uma solução e, em casos mais graves, como de tráfico de drogas e ameaças de morte, busquem o apoio da polícia.

Para que isso possa acontecer é necessário que a família realmente participe da vida escolar de seu filho, que tenha comprometimento, envolvimento com a escola. A interação família-escola vai gerar na criança e no adolescente um sentimento de amor, fazendo-o sentir-se amparado e valorizado.

Muitas pessoas estão envolvidas neste tipo de violência, o bullying, e, apesar da necessidade de identificação delas, os professores devem tomar cuidado com os alunos, sejam autores, ou vítimas, evitando que sejam “estigmatizados pela comunidade escolar, o que também seria uma violência” (CHALITA, 2008, p. 83).

Geralmente os agressores são os alunos populares, que precisam autoafirmar-se, necessitam mostrar sua força, logo, precisam de platéia; são os “valentões”, que se realizam com suas atitudes opressoras, normalmente por banalidades, para conseguir impor-se. Esses “valentões”, se não forem corrigidos a tempo, poderão tornar-se adultos violentos e até mesmo criminosos.

Esses agressores também são vítimas em suas famílias, onde o afeto é escasso, não possuem acompanhamento dos pais, que os deixam sem orientação ou supervisão, sem disciplina, sem limites. Assim o modelo oferecido por esses pais é um comportamento agressivo ou explosivo. A intenção não é rotular todas as famílias que possuem falta de afeto e amizade, mas é um fator que precisa de atenção.

A ação do aluno tirano não se justifica isoladamente pela família empobrecida de afeto, ou pela escola omissa e depauperada de valores, nem, ainda, pelo grupo de amigos que fortalece e valoriza o agressor. A crueldade dos atos é fruto do somatório de todos esses componentes externos, que reforçam e nutrem tantos outros elementos internos, desencadeando a prática de atos agressivos contra outro ou outros. (CAMPOS, 1988, p. 63)

Diversos fatores contribuem para a ação do “aluno tirano”, numa somatória de componentes externos que fortalecem elementos internos.

Destacamos, dentre outros, além da falta de afeto da família, também a omissão da escola, que fortalece a atitude do agressor, desencadeando a prática de atitudes agressivas uns contra os outros.

Temos, ainda, as vítimas-agressoras, que sofrem e, ao mesmo tempo, cometem atos violentos com outros. Jamais tiveram a oportunidade de aprender o sentido ético nas relações: "Não faça para o outro o que não deseja para você".

A violência só pode ser combatida, caso se descubra e entenda a origem do problema, identificando e conhecendo as características dos alunos, antecedentes de violência, uso de drogas, baixa expectativa de sucesso educacional, influência negativa dos pares e monitoramento insuficiente dos pais, todos associados à delinquência.

A escola pouco ou nada pode atuar sobre esses fatores, mas pode oferecer segurança para os alunos, atenção à presença de agentes responsáveis pela desordem social. É importante ressaltar que a violência dentro e fora das escolas é responsável por uma alta taxa de mortalidade entre os jovens no Brasil, onde a taxa de homicídios só perde para a Colômbia.

Candau (1999) afirma que as manifestações de roubos, insultos, brigas e os desrespeitos causados pelos jovens aos mais velhos acontecem com frequência no cotidiano escolar, sendo vistos como banais e até normais.

A falta de comunicação e de afeto em algumas famílias produz crianças desorientadas, inseguras e com dificuldade para entrar em contato com os próprios sentimentos, gerando dificuldades secundárias de aceitação nos grupos. Se a família atingir com êxito a etapa do diálogo, a nova fase é a colaboração dos pais com os profissionais da área de educação nas atividades escolares.

Fica claro que a primeira aprendizagem deve ter início no lar, ao desempenhar atividades nas quais as famílias passam a ensinar e a exercitar virtudes como respeito, o amor e a solidariedade, atitudes básicas para a convivência em sociedade e que vêm disciplinar os impulsos de "destruição internos e infantis" (BALTAZAR et al, 2006, p. 32).

O processo educativo deve atender à realidade de cada aluno, e para isso é necessário conversar com os pais para ter uma noção da realidade onde ele se insere. Surge, então, a necessidade de intensificar o diálogo com a família. Isto implica tornar a escola um local de trabalho agradável para todos os intervenientes,

onde existam espaços de diálogo, reflexão e participação.

A princípio se faz necessário a conscientização por parte do educador, de que a família é essencial no processo educativo, devendo-se reconhecer as suas vantagens, refletir sobre o tipo de envolvimento e as melhores estratégias a implementar para o seu sucesso. Se esta relação não for estabelecida corretamente, cabe ainda ao educador refletir sobre a eficácia das estratégias utilizadas, se são suficientes ou corretas para envolver os pais na educação dos seus filhos.

O envolvimento dos pais em diversas atividades escolares é um meio de elevar a autoestima da criança, mas vale ressaltar que a participação da família não deve cair apenas em dias comemorativos específicos. Após o processo de conscientização da família da sua importância na educação, após incentivar o diálogo e fazer da escola um local agradável, falta criar um projeto educativo em que os pais estejam envolvidos ativamente.

Sendo os pais os primeiros educadores de seus filhos, compete a eles também passarem a interagir efetivamente com a escola na formação e educação de seu filho, pois ambos mantêm o mesmo objetivo que é inspirado nos princípios da liberdade com responsabilidade, no pleno desenvolvimento do educando, em seu preparo para o exercício da cidadania.

Mas mesmo com a conscientização da importância da família, é importante entender que as crianças, apesar das orientações e educação dada pelos pais, desenvolvem, como todo indivíduo, sua própria personalidade e isso, no decorrer do processo de educação, acaba criando conflitos.

As famílias e a escola, como todas as instituições sociais, passam por mudanças, por uma evolução cuja função é redefinir estrutura, objetivos, fundamentação. E hoje, com a emancipação feminina, os papéis da escola foram ampliados para dar conta das novas demandas da família e da sociedade.

As famílias não se encontram preparadas sequer para enfrentar, quanto mais para solucionar os problemas que os educadores de seus filhos lhes entregam ou transferem nas reuniões de pais.

Finalmente, é primordial a busca de formas de articulação e convivência contínua entre as famílias e a escola. Isto é um fato óbvio, mas difícil de ser posto em prática. Como já dissemos, hoje a educação é vista como um processo permanente, não mais como uma simples etapa na vida de um indivíduo: estudar

para entrar no mercado de trabalho. Portanto, neste processo, a participação de todos, não somente dos familiares, mas também da comunidade torna-se necessária. O trabalho para que haja essa parceria deve ser constante.

Há ainda choques entre escola e família e vice-versa, que impedem o diálogo entre as duas instituições. Há pais que jogam para a escola toda responsabilidade educacional. Essa integração constitui, de fato, um desafio.

A atitude dos pais perante a escola certamente encoraja os filhos. Se os pais determinarem limites e cobrarem as tarefas, naturalmente estarão colaborando com a escola, falando a mesma linguagem dela.

Os pais que demonstrarem interesse em relação ao que acontece em sala de aula de seu filho estarão contribuindo para o sucesso de seu aprendizado. Mostrar isso às famílias é tarefa dos educadores.

A experiência na área do magistério mostra que, quando os pais participam da vida escolar e mantêm um bom canal de comunicação com os professores, o ambiente disciplinar e de aprendizagem melhora muito.

Uma das experiências vivenciada pela autora, no Colégio onde atua, foi o fato de que Direção e coordenadores, ao notarem a reincidência de reprovação de alguns alunos, elaboraram um projeto de recuperação. Os pais foram chamados para discutirem o problema e participarem da elaboração. Houve uma adesão de 95% dos pais, que se prontificaram em participar ativamente. Desta forma, montou-se uma turma de repetentes da 6ª série e uma turma da 7ª. A direção reuniu todos os professores e lançou um desafio: só iria assumir as aulas dessas turmas o professor que se propusesse a um trabalho diferenciado. A primeira atitude seria a de trabalhar a autoestima dos alunos. Em momento algum o professor poderia referir-se aos alunos como “reprovados”, pois qualquer fama negativa é bem provável que faça o aluno se sentir preso ao juízo de valor. O convívio em sala de aula pode ficar desequilibrado dependendo das atitudes dos professores. Semanalmente a coordenadora reunia os professores para discutirem as estratégias seguintes. Os pais acompanhavam o desenrolar das atividades e mensalmente se reuniam com os professores para receberem as informações sobre seus filhos, bem como trocavam idéias para que os objetivos fossem alcançados. O sucesso foi total, os alunos se sentiram valorizados e passaram a participar ativamente de todas as aulas e a recuperação foi geral. É uma demonstração viva de que a interação entre

os pais e a escola traz benefício para o aluno, e a instituição que conseguiu transformar os pais ou responsáveis em parceiros apresentou uma melhora no rendimento das turmas de forma significativa.

Entende-se que educação então é um processo, o caminho para quem busca o conhecimento; seu objetivo é o amadurecimento do indivíduo, de modo qualitativo tanto moral, como psicológico. Este processo é específico, não se confunde com nenhum outro relacionado ao crescimento do indivíduo.

Desde que o indivíduo nasce, e no decorrer de sua vida, passa pelo processo de socialização, conhecimento das normas e valores da sociedade em que está inserido, dos modelos, do comportamento.

Em qualquer momento da vida, seja na escola, na família, seja em reunião com amigos, nas horas despendidas para o lazer e até no momento de reflexão, evitando o contato com as pessoas, estará “acontecendo a socialização” (MOTTA, 2007).

Há necessidade da interação entre as famílias e a escola para o sucesso educacional da criança e do jovem, cabendo à escola usar de criatividade para trazer os pais para participarem do processo educacional de seu filho, pois ambos têm o mesmo objetivo: preparar a criança e o jovem para serem inseridos na sociedade de maneira a vir enriquecê-la com sua contribuição.

Uma escola comprometida e integrada com as famílias transmite uma nova visão aos estudantes, pois lhes são proporcionadas oportunidades de diálogo, de liberdade de pensamento, toda uma rede de interações para que possam ter direito a uma vida digna de relações humanas.

Numa sociedade cujas mudanças são constantes e rápidas, deve-se ficar atento aos sinais e aberto para enxergar necessidades e desafios da humanidade. A interação entre a família e a escola é decisiva para sanar muitos problemas decorrentes dessa situação.

É de responsabilidade da escola, dos professores, o rendimento do aluno, para evitar-se a exclusão social. Tanto a disciplina quanto o respeito mútuo entre professores e alunos devem ser mantidos, lembrando que atividades bem planejadas impedem a indisciplina.

Os professores poderão detectar com mais precisão o problema de dificuldade de aprendizagem e as causas do mau comportamento do aluno. Dentre

outros, um aspecto que mais preocupa a escola, nos tempos atuais, é a violência que vem tomando vulto na vida estudantil.

Diversos fatores são causadores da indisciplina e da violência na escola, tais como a crise familiar e a falta de limites que devem ser impostos pelos pais.

Na sala de aula, não há uma fórmula fixa para combater a indisciplina, a violência. Entretanto, isto não torna a tarefa impossível. Diversos estudiosos abordam o assunto. No “5º Seminário de Indisciplina na Educação Contemporânea”, promovido pelo SINEP/Pr (Sindicato das Escolas Particulares) e que terminou em 14/11/2009, em Curitiba, Paraná, diversos “temas foram abordados, destacando a atuação da família e da escola na construção da disciplina, o respeito na relação de autoridade e as regras na educação infantil”. Convidado a participar, o Prof. José Pacheco, da Escola da Ponte, de Portugal, fez um relato de experiência vivida por ele na referida instituição de ensino. A unidade escolar atende alunos que apresentam casos de violência e não são recebidos pelas escolas tradicionais. O método aplicado é o seguinte: com a participação da coordenadora, realizam uma assembléia semanal, da qual os alunos participam, ajudando a elaborar a agenda dos assuntos e a tomada de decisão, no intuito de melhorar as relações entre eles e os professores. Este projeto é aplicado na escola com resultados surpreendentes. “Na Escola da Ponte os jovens constroem as regras. Um exemplo é o uso do celular na sala. Depois que houve a tomada de decisão, todos os alunos, ao entrarem na sala de aula, depositam seu celular desligado, numa mesa separada”. Nessas assembléias a instituição também apresenta uma relação de delitos e punições. O aluno já sabe o que acontecerá caso cometa algo proibido. Esta é uma demonstração de que, havendo a participação ativa dos alunos com a colaboração dos professores, o sucesso é inevitável. Mas, para tanto, deve haver uma visão compartilhada dos professores. A relação entre professor e aluno deve ser construída com afeto, respeitando a individualidade do aluno. Não resta dúvida de que tudo depende de uma boa motivação, pois uma escola que se preocupa apenas em transmitir conteúdos, sem estímulo, só pode gerar indisciplina. A participação da família é indispensável, dela dependem os ensinamentos básicos de cidadania e de respeito das crianças e da imposição de limites.

Eis um desafio para nossas escolas: criar alternativas, trazer os alunos e a família a interagir com a escola.

### **3.2 Formação do Professor**

É importante refletir, também, sobre a formação docente e a prática educativo-crítica, pois o professor está inserido nos desafios e problemas que a escola enfrenta.

A reflexão crítica sobre a prática se torna uma exigência da relação Teoria/Prática, sem a qual a teoria pode ir virando blablablá e a prática, ativismo (FREIRE, 2006, p. 22). Paulo Freire defende que o professor deve ter um senso crítico com relação à sua prática educacional, sem a qual a teoria pode ser ineficaz.

Os saberes fundamentais à prática educativo-crítica devem ser assuntos obrigatórios na organização dos conteúdos para formação docente. O profissional da educação deve assumir e ter consciência de que ele é o sujeito também da produção do saber, deve-se convencer de que ensinar não é somente “transferir conhecimento”, mas criar condições para que o aluno passe a construí-lo (FREIRE, 2006).

Foi-se a época em que se acreditava que, finda a graduação, o professor estava apto para atuar na área de educação para o resto de sua vida. Hoje se exigem dos profissionais, principalmente dos docentes, constante atualização, pesquisa, formação, integração diária na escola e com os alunos.

O professor deve transmitir o prazer de estudar para seus alunos. “O professor que não aprende com prazer não ensinará com prazer” (SNYDERS, 1990, p. 27). O maior desafio deste profissional é manter-se atualizado e procurar desenvolver uma didática eficiente e atrativa, muito embora existam muitos outros desafios para se enfrentar durante sua caminhada.

“O aprender contínuo é essencial e se concentra em dois pilares: a própria pessoa, como agente, e a escola, como lugar de crescimento profissional permanente” (NÓVOA, 1997, p. 23).

Sabe-se que o educador, a priori, tem como função um misto de

trabalho e estudo, uma vez que a natureza humana verte para querer saber; a do educador, sem dúvida, volta-se para querer ensinar. E, para tal, estuda, converge, diverge, aceita, estimula, transforma, discute, orienta, desafia, expressa, produz e conduz. Afinal, quem ensina, estuda. Quem estuda trabalha.

Tendo em vista as condições da educação no Brasil, a falta de recursos, de investimento na área, traz para o educador um grande desafio, que é despertar o aluno para o conhecimento, para a qualidade da informação, utilizando os diversos meios e fontes de pesquisa existentes.

O educador deve-se comprometer a tornar a escola atrativa, destacando sua potencialidade, ensinando sem distinção, não permitindo ao educando a perda de sua essência, de sua cultura.

Freire (2006, p. 27,28) abre perspectivas para se pensar, discutir a educação, dentro de cada realidade. É preciso acrescentar novos saberes como forma de analisar o futuro, mesmo que utopicamente, buscar sonhos e implantá-los na realidade do país, principalmente junto a todos envolvidos na área de educação.

O educador tem o papel de mediador nos relacionamentos interpessoais, assim como deve interagir com os objetivos do conhecimento, ligando cognição e afeto, cumprindo, assim, o seu papel social.

Com tantas mudanças sociais, com a evolução da tecnologia, o professor deve estar atento e preparado para entender essas mudanças. Tomamos como base a LDB nº 9.394/96, artigo 43, § III:

[...] incentivar o trabalho de pesquisa e investigação científica, visando ao desenvolvimento da ciência e da tecnologia e da criação e difusão da cultura, e, desse modo, desenvolver o entendimento do homem e do meio em que vive.

Por meio do incentivo à pesquisa voltada para o desenvolvimento da ciência e da tecnologia, o ser humano se sentirá estimulado a entender o meio em que vive.

Segundo Freire (2006, p. 65): “A responsabilidade do professor, sua presença na sala é de tal maneira exemplar que nenhum professor ou professora escapa ao juízo que dele ou dela fazem os alunos”.

O professor se torna uma figura ímpar, exemplar, e sua responsabilidade na sala de aula não exime o juízo que dele fazem os alunos.

Na sala de aula, assim como também ocorre na interação entre escola e família, a presença do professor é fundamental, pois ele é responsável pelo processo ensino-aprendizagem e, portanto, tem oportunidade de construir novos conhecimentos, realizando assim um trabalho de aprendizagem entre todos os estudantes. Entretanto, torna-se necessário compreender as diferenças culturais, linguagem, organização, assim como os valores familiares da comunidade em que vive, escolarização anterior, que constroem as experiências pessoais dos alunos (CLANDININ; CONNELLY, 1998).

Em suma, o professor necessita refletir sobre a sua prática didática, direcionando-a com a realidade e os interesses do educando.

“É pensando criticamente a prática de hoje ou de ontem que se pode melhorar a próxima prática” (FREIRE, 2006, p. 39).

Muitas vezes o professor se depara com situações em que será preciso ter flexibilidade e crítica, para se guiar em situações conflitantes. Nestas situações não será suficiente o conhecimento técnico adquirido em sua formação, mas essa servirá de base para que ele administre uma melhor forma de transmitir conhecimento e educação.

As situações conflitantes com as quais os professores se deparam geralmente apresentam características únicas, exigindo, portanto, a competência do profissional que deve ter a capacidade de autodesenvolvimento reflexivo. A racionalidade técnica geralmente opõe-se ao desenvolvimento de uma práxis reflexiva.

Muitos professores responsabilizam a instituição de ensino pelo conflito entre as informações recebidas e sua aplicação. Os professores têm de se assumir como produtores da sua profissão.

A soma do curso superior ao conhecimento acumulado durante uma vida é o que traz desenvolvimento profissional, principalmente nesta área. Por isso deve-se ter consciência que uma boa graduação não é o suficiente para uma boa formação. Portanto, a reflexão é outra linha de formação de professores, além das já citadas. Freire (2006; p. 39) afirma que “na formação permanente dos professores, o momento fundamental é o da reflexão crítica sobre a prática”.

A “reflexão-na-ação” já é sugerida dentro do processo de aprendizagem pela análise e interpretação de sua própria atividade. A prática

conduz necessariamente o profissional da educação à criação de um conhecimento específico que está sempre ligado à ação.

Na formação de professores, não pode haver distinção entre trabalho e formação, a escola é onde “acontece” o ensino, a educação. Tudo deve ser integralizado, voltando-se ao desenvolvimento pessoal, profissional e organizacional.

A formação continuada como meio de profissionalização é muito importante, pois visa ao desenvolvimento das potencialidades do professor, sem, contudo, desprezar o desenvolvimento próprio como pessoa, e deve estar ligada ao desempenho da prática educativa.

É importante a conscientização de que a relação entre educação, escola, família e sociedade deve ser alvo de uma transformação constante.

Aos pais compete colaborar com a escola e acompanhar todo processo de formação de seu filho. A escola, por sua vez, deve utilizar todas as oportunidades de contato com os pais, passando informações relevantes sobre seus objetivos e seu planejamento, recursos, problemas e também sobre as questões pedagógicas. Desta forma, a família irá se sentir comprometida com a melhoria da qualidade de ensino e com o desenvolvimento de seu filho como ser humano.

O desafio da formação de professores que garanta a qualidade principalmente do ensino na educação básica é premente, supõe um profissional que busque o saber, pesquisador de sua própria prática. Para que atue construtivamente com a criança, visto como sujeito participante do processo de construção de seu conhecimento, o professor deve também ser um participante que precisa construir e reconstruir o seu próprio conhecimento.

Piaget (1994, p. 25-26) afirma que:

A preparação dos professores [...] constitui realmente a questão primordial de todas as reformas pedagógicas [...], pois, enquanto não for a mesma resolvida de forma satisfatória, será totalmente inútil organizar belos programas ou construir belas teorias a respeito do que deveria ser realizado.

Para Piaget a preparação e formação do professor constituem o ponto principal de toda reforma pedagógica, pois são os agentes do processo educacional.

Para ensinar não é suficiente conhecer os conteúdos; torna-se necessário saber o que vem a ser educação, qual o papel do educador em relação ao ser humano a ser educado e, principalmente, ter a consciência de que estará

preparando o aluno para uma sociedade justa e desenvolvida. Portanto, a preparação do professor é imprescindível.

A educação e a preparação do docente são o primeiro caminho a enfrentar para a solução de uma série de problemas, principalmente a conscientização de que o professor é uma pessoa do saber e um artista e não um tecnocrata. Cabe ao professor ter ciência de que a educação não pode ser neutra, pois ela é um ato político e complexo. Torna-se necessário ter uma visão do espaço social no qual ela se desenvolve.

É preciso que o professor esteja imbuído de compromisso e responsabilidade, seja portador de competências e atitudes que o capacitem a ultrapassar os obstáculos que vier a enfrentar, principalmente os políticos, sociais e culturais, para a realização de seu principal objetivo: a formação do ser humano para o exercício pleno de cidadania.

Segundo a LDB 9394/96 em seu Art. 62, “a formação de docentes para atuar na educação básica far-se-á em nível superior, em curso de licenciatura, de graduação plena, em universidades e institutos superiores de educação, admitida, como formação mínima para o exercício do magistério na educação infantil e nas quatro primeiras séries do ensino fundamental, a oferecida em nível médio, na modalidade Normal”.

Ferreiro (1992, 48-49) alega que:

[...] o ponto mais delicado de qualquer processo de mudança qualitativa é a capacitação de professores. As experiências têm demonstrado que os processos de capacitação mais rápidos, profundos e bem sucedidos, parecem ser aqueles em que alguém acompanha o professor em serviço.

Segundo Ferreiro, a capacitação dos professores constitui um ponto delicado no processo de mudança. Defende também que a melhor capacitação é aquela que ocorre no acompanhamento do professor em serviço.

O professor deve ter a consciência de sua prática pedagógica, uma visão crítica de suas ações em sala de aula, bem como dos “valores culturais de sua função docente”; sua postura deve ser de pesquisador e não apenas de “transmissor” de conhecimentos, para acompanhar e conhecer melhor o desenvolvimento de seus alunos (MACEDO, 1994, p. 48-49).

Queiramos ou não, os professores continuam sendo os melhores

recursos audiovisuais para melhorar a qualidade do ensino. São os grandes responsáveis pelo fazer acontecer em sala de aula, o local onde eles podem fazer a diferença, desde que procurem desenvolver a aprendizagem do humano.

Sabemos, porém, que, sem a participação, a interação de todos os envolvidos no processo de formação de professores, nenhum programa pode ser funcional e não se obterá êxito.

Deve existir o diálogo entre os envolvidos neste processo, com o simples objetivo de garantir espaços e os canais necessários para se debater conflitos, resolver problemas.

Pelas análises realizadas, chegamos à conclusão de que não são poucos os desafios a superar no processo de ensino-aprendizagem.

O século XXI chegou impondo importantes mudanças tecnológicas, comportamentais e econômicas. E nossas escolas estão preparadas para conduzir e orientar nossas crianças e jovens a lidar com essa nova sociedade?

A escola deve mudar para adequar-se e a condição urgente para essa adaptação é a revisão do currículo escolar. O ensino tradicional está muito focalizado nos fracassos do aluno, esquecendo de dar atenção aos seus pontos fortes. O que motiva o aluno a estudar é o interesse. A escola inovadora tem o currículo orientado para as competências e as resoluções de problemas e não para as disciplinas. Eis o grande desafio a ser enfrentado pelas nossas escolas.

Os desafios são muitos. Creio ser necessário um esforço coletivo para reconhecer e refletir sobre as contradições da sociedade em que estamos inseridos e, nela, sobre a responsabilidade dos pais e da escola no que concerne a educação e formação de nossas crianças e adolescentes. A interação família e escola assume, assim, certa autoridade sobre o educando, caminhando gradativamente para uma permissão de liberdade com responsabilidade. Para que tudo isso aconteça é necessário afeto, cuidado, respeito.

Nesse processo de interação família e escola, a educação precisa trilhar por uma gestão democrática, em que prevaleça o espaço de deliberação participativa, envolvendo gestores, professores, alunos, pais ou responsáveis. Gestão que priorize o relacionamento, o diálogo, a melhoria da qualidade da educação e o aprimoramento de políticas educacionais. Gestão que tenha por objetivo a dignidade da pessoa humana e a formação da cidadania, superando o

autoritarismo, o individualismo e as desigualdades socioeconômicas. Gestão que diagnostique as raízes, as causas dos problemas que afetam as famílias e busque soluções que, se não são eliminadas, pelo menos, possam minorá-las. Eis o grande desafio!

No próximo item, serão analisadas as alternativas que a escola e a família empregam para contornar melhor os problemas. Ressaltam o diálogo e a participação das instituições em encontros frequentes na escola.

#### 4 POSSIBILIDADES E ALTERNATIVAS

A missão da escola mudou. Em vez de atender a uma massa amorfa de alunos despersonalizados, é preciso localizar o indivíduo, original, singular, diferente e único, específico em seu capital genérico, possuidor de inteligências múltiplas e, portanto, de diferentes habilidades de resolver problemas (PERRENOUD, 1999).

Com a evolução tecnológica, destacando aqui a internet, ocorrem mudanças em todas as áreas em decorrência da facilidade de acesso a grande quantidade de informações, “porém só tiram proveito dela aqueles que souberem dispor dos saberes necessários para melhor fazer uso dela. Não basta competência desenvolvida para operar sua contextualização e sua assimilação” (ZACHARIAS, 2007; p. 47).

A escola real é o lugar aonde o indivíduo vai para estudar e aprender e desenvolver sua capacidade intelectual. A época em que vivemos é cercada de transformações, mudanças de conceitos, de valores, de cobranças, e as crianças já muito jovens se deparam com essa descoberta: a profissão do futuro é aprender. Portanto, somente as escolas e os profissionais da área de educação com uma visão e disposição para acompanhar essas mudanças serão capazes de formar os adultos do século XXI.

O profissional da educação, em especial o educador, deve saber estudar, buscar informação, articulá-la, e dominar as novas formas de tecnologias que, por um lado, dão acesso a grande quantidade de informações, mas, por outro, provocam um afastamento do indivíduo da socialização, da convivência em sociedade.

Frente à velocidade das transformações, os profissionais da educação devem estar em constante atualização, rompendo com os velhos paradigmas de educação (ZACHARIAS, 2007; p. 51).

Pode até parecer um sintoma da informática, ou do “fim dos tempos”, mas é simplesmente uma questão e um sintoma da cultura. “Precisamos de tecnologias e sistemas que nos deem mais tempo, e com isso estamos transformando os meios de comunicação” (ERTHAL, 2008).

Aprendemos a economizar as palavras para as mensagens SMS. Aprendemos a telefonar enquanto se faz alguma coisa (antes era o contrário: você fazia outra coisa enquanto telefonava). Até as piadas estão mais curtas, viraram chiste, instantâneas e sem enredo, mas muito engraçadas. (ERTHAL, 2008)

A dinâmica da comunicação cerca e atinge a todos os setores e, obviamente, atinge também a escola. O grande problema da pedagogia é transformar as aulas discursivas em algo interessante, pois as crianças e adolescentes hoje não veem mais atrativos nas aulas em que os professores detêm todo o conhecimento, tendo em vista a facilidade de se “informar”.

Não se contestam aqui a evolução da tecnologia e suas facilidades, que trazem liberdade e praticidade, porém afastando, também, o encantamento e o idealismo, principalmente para as crianças e os adolescentes, que começam a sua jornada.

O grande desafio da escola e da família é a busca da atualização e de estar constantemente ao lado do aluno/filho, lançando as situações-problema, demonstrando também conhecimento tecnológico. A tecnologia proporciona diversos subsídios que o professor pode utilizar em sala de aula, prendendo, desta forma, a atenção e o interesse do aluno. Aos pais compete acompanhar seus filhos no uso do computador e orientá-los para que esse uso venha em benefício de seu aprendizado.

Verifica-se, por meio de sondagens realizadas com pais e jovens em todo o Brasil, que as mudanças de comportamento dos jovens de hoje, os quais serão os líderes de amanhã no país, é uma realidade. Nota-se que grande parte dos adolescentes têm celulares e os levam para a escola, vendo isto como uma necessidade do momento. A internet, outra tecnologia, por sua vez é acessada pela grande maioria dos jovens.

Chegou-se à triste conclusão de que nossas crianças e adolescentes, ao contrário daqueles das décadas de 60 e 70, não se preocupam em pensar um mundo diferente, ou iniciar algum tipo de revolução, a menos que acabem com os celulares e a internet. Imediatistas, consumistas, agressivos, individualistas.

Felipe Mendes, diretor geral da “Research International”, observa que o que preocupa nesta geração é que eles são concretos em relação a dinheiro e trabalho, mas muito básicos em seus sonhos e impessoais e virtuais nos prazeres que deveriam ser reais.

A internet leva os jovens a ampliar seus interesses, a buscar muitas informações, porém não se aprofundam em nenhuma. Possuem opiniões instáveis, são cheios de dúvidas, mas incapazes de se relacionar com seu grupo social, “ao vivo e a cores”.

[...] Plugados ao mundo, aos sites de relacionamentos como Orkut e aos serviços de mensagens instantâneas, eles movem-se em rede e estão menos divididos em tribos. ... [...] O frenesi da era digital ajuda a empurrar esses adolescentes a trocar de amores, amizades, cursos e aspirações como quem troca de tênis. E uma sucessão de reinícios, com finais rápidos e indolores. Mas como não é possível recusar sempre a vivência da dor, a contrapartida pode ser o aumento da ansiedade em relação a relacionamentos pessoais e opções profissionais. (BAUMAN apud BUCHALLA. 2009. p. 85)

Apesar das indecisões, da falta de prioridades, utilizam a tecnologia para ampliar sua “rede de contatos”, que pode ser útil em um futuro profissional, pois 64% dos adolescentes entrevistados sonham com a riqueza e com todas as facilidades que o dinheiro pode trazer.

Não resta dúvida de que é uma estatística assustadora. Cabe à escola e aos pais o desafio da mudança desse quadro. A escola não pode mais utilizar métodos pedagógicos tradicionais porque esta juventude não aceita mais isso; além da utilização da tecnologia, torna-se necessário trabalhar mais a formação integral dessas crianças e jovens, despertá-los para o diálogo, a sensibilidade, o amor, interagindo com a família que também se deve preocupar com a formação de seus filhos, criá-los para enfrentarem este mundo complexo em que vivemos e conduzi-los a participarem de uma sociedade na qual eles venham fazer a diferença. Reconhecemos que não é uma tarefa fácil nem para a escola nem para as famílias, mas ambas devem unir-se e trabalhar para que tudo aconteça. São vidas que irão se projetar e exercer influência num futuro muito próximo.

Outro “porém” relacionado à tecnologia e ao acesso às informações, principalmente pela internet, é o excesso de exposição dos adolescentes e das crianças que se passam por “adultos” para participar de sites de relacionamentos e de blogs. Isso é preocupante, pelo perigos implícitos nessa prática.

Os sites de relacionamento, os blogs, o MSN, são os substitutos dos diários, onde as crianças e adolescentes escreviam o que lhes acontecia no seu dia a dia, descreviam seus sentimentos, suas emoções, dores, alegrias, trancadas a

“sete chaves”, e que hoje são expostos para quem quiser ler, ou ver as fotos de todos que fazem parte do círculo de relação do indivíduo. Desconhecem o sentido de privacidade.

A impressão que se tem é que existe uma necessidade de participar de uma sociedade do espetáculo das imagens. Segundo a psicóloga Ceres Alves de Araújo, esse fato, para além dos problemas circunstanciais que pode acarretar, dificulta o desenvolvimento da capacidade de autorreflexão e introspecção, o que é essencial para o crescimento.

Sob certos aspectos, amadurecem físico e psicologicamente mais cedo, e utilizam esse recurso para se comportarem como adultos, participarem de festas com bebidas alcoólicas, comprar bebidas em supermercados sem o menor impedimento. A falta de limitação imposta pelos pais, a falta de cobranças, de imposição, da palavra “Não” no momento certo, têm como consequência “a falta de responsabilidade na vida adulta”, a agressividade na escola, o uso de drogas, etc.

Cada vez mais cedo os pais colocam seus filhos nas escolas, e cobram desta e dos profissionais da área a responsabilidade que é deles.

Freire (1997) explica que ser professor vai além de simplesmente cuidar da criança, no lugar dos pais, é mais que ensinar boas maneiras, ler e escrever, é criar consciência crítica e formar um cidadão em cada um de seus alunos, é transmitir valores.

Hoje, a escola necessita se adequar a uma nova linguagem no tratamento com os alunos. Torna-se necessário que a escola proporcione aos professores momentos de reflexão, buscando focar os desafios a serem enfrentados no dia a dia.

## 5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Entende-se que educação é um processo, o caminho para quem busca o conhecimento, e seu objetivo é o amadurecimento do indivíduo, de modo qualitativo seja moral seja psicológico. Este processo é específico, não se confunde com nenhum outro relacionado ao crescimento do indivíduo. “Fazem parte do processo da educação: a socialização, a personalização e finalmente a libertação” (CURY, 2006, p. 56).

Ao iniciar a escola, a criança já possui suas “manias”, costumes, e, neste momento, o educador deve ser sensível o bastante, pois tem a função inicial de moldar, instruir, para que a criança possa conviver em seu novo grupo social.

A escola constitui, portanto, um contexto diversificado de desenvolvimento e aprendizagem, isto é, um local que reúne diversidade de conhecimentos, atividades, regras e valores e está permeado por conflitos.

Sabe-se que é a escola uma instituição fundamental para a formação do indivíduo, assim como para a evolução da sociedade e da humanidade. Não resta dúvida de que se pode considerá-la como um microsistema da sociedade, que, além de refletir as transformações atuais, tem que lidar com as diferentes demandas do mundo globalizado. Uma das tarefas importantes, embora um tanto difícil, é preparar tanto alunos como professores e pais para viverem e superarem as dificuldades em um mundo que apresenta mudanças rápidas e conflitos interpessoais, contribuindo para o processo de desenvolvimento do indivíduo.

A família é a primeira escola das virtudes sociais de que as sociedades tem necessidade, porque nela são transmitidas aos filhos as responsabilidades sociais e a solidariedade

Com a obra educativa, a família tem a incumbência de formar o homem para a plenitude da sua dignidade pessoal, segundo todas as dimensões, inclusive a social. Toda criança é ajudada em família a crescer, respeitando a liberdade e a responsabilidade, requisitos imprescindíveis para assumir qualquer tarefa na sociedade.

O direito e o dever dos pais de educar seus filhos não devem ser delegados a outros, porque compete a eles a responsabilidade da formação da

criança e seu encaminhamento na vida. Embora sejam os primeiros educadores, não resta dúvida de que, a partir de um certo ponto, eles devem compartilhar com a instituição escolar o processo educacional, pois a função desta é a de complementar aquilo que a família já vem trabalhando na formação da criança.

Escola é... o lugar onde se fazem amigos. Não se trata só de prédios, sala, quadros, programas, horários, conceitos... Escola é, sobretudo, gente, gente que trabalha, que estuda, que se alegra, se conhece, se estima.

E a escola será cada vez melhor na medida em que cada um se comporta como colega, amigo, irmão. Importante na escola não é só estudar, não é só trabalhar, é também criar laços de amizade, criar ambiente de camaradagem, conviver. Numa escola assim vai ser fácil estudar, trabalhar, crescer, fazer amigos, educar-se, ser feliz.

Paulo Freire (2006) faz uma descrição simples sobre o que é escola e nós podemos concluir, portanto, que é um espaço público, onde se convive fora da vida familiar, embora devendo ser integrada a ela. No momento que exercitamos a convivência participativa na escola, estamos iniciando um processo de aprendizagem que irá nos conduzir a contribuir, de maneira construtiva, numa sociedade na qual estamos inseridos.

No momento em que haja, de fato, a interação entre a família e a escola e elas conseguirem estabelecer a maneira como irão promover a educação de seus educandos/filhos, muitos dos conflitos hoje observados em sala de aula serão aos poucos superados.

Ao se falar em educação, automaticamente reporta-se à família, onde basicamente inicia a vida social. Mas o que ocorre hoje, com tantas mudanças tecnológicas, a globalização, a inclusão digital, a ambição, consequência dos sonhos de aquisição de todo o conforto que o mundo moderno pode proporcionar, é a falta de tempo, pois os pais têm que trabalhar para adquirir e manter tudo isso.

Com a falta de tempo, os pais passam a ser omissos na educação dos filhos, a partir do momento em que deixam de manter uma organização, não colocando limites, deixando os filhos agirem livremente e sem controle. Numa postura de deserção de seu papel, eles preferem ser amigos dos filhos a ser pai e mãe, e cobram da escola o seu papel de educador. Mas não é bem assim, a família e a escola têm que trabalhar em conjunto para educar, para preparar o indivíduo

para sua vida em sociedade, pois alguns valores são de responsabilidade da família, outros, da escola.

Este jogo de empurra acaba levando a criança para o individualismo, e não para a socialização. A família cobra da escola, e a escola, por sua vez, fica limitada, pois não tem autoridade suficiente para impor limites necessários para a educação.

Assim, as crianças cada vez mais se fecham em seus mundos virtuais, buscando amigos virtuais, fechados para o mundo real, pois, na verdade, muitas desconhecem o que significa socializar-se com outros seres humanos. Desconhecem o que é trocar informações, experiências, emoções, descobertas, decepções, e toda gama de sentimentos que fazem do homem um ser social.

Despreparados, alguns jovens de hoje saem em busca de algo que lhes dê sentido para a vida, mas sem saber exatamente o que buscar, ou se vão encontrar o que buscam. Não criam expectativa de longevidade, pois fogem do vazio, usando drogas, ou por meio da violência para se sentirem vivos e aceitos no grupo de sua convivência. Os jovens contemporâneos, com suas múltiplas fontes de informação através da tecnologia, televisão, internet, sistemas de comunicação, vivem enclausurados no seu mundo individual, muitas vezes depressivos, deixando de usufruir outros aspectos da vida.

Sentem-se satisfeitos com a ausência total do toque, do carinho, do olho no olho, simplesmente porque não conheceram isso no seio de suas famílias. Pulam de uma relação à outra, como trocam suas roupas. Casam-se, têm filhos, não necessariamente nesta ordem, separam-se, têm mais filhos, ou abandonam seus filhos. Em sua maioria, acabam criando uma confusão emocional.

A educação deve ser responsabilidade de ambos, família e escola, porém a primeira é responsável por dar carinho, amor, segurança, estabilidade. Deve saber impor limites, sem, no entanto, tentar adestrar a criança para que proceda de acordo com normas estipuladas. A criança deve ter limites para valorizar o que tem, tanto em nível material como emocional, mas deve saber racionalizar, fazer escolhas e entender suas consequências, entender o conceito de respeito, para poder conviver em sociedade, ter equilíbrio, ser um ser humano completo.

Uma das questões que mais prejudicam tanto a família como a escola é o relacionamento. Por sua natureza, o ser humano é social e não pode viver e

desenvolver suas atividades sem se relacionar com os demais.

Para isso, existem pré-requisitos indispensáveis que facilitam a questão: comunicação e diálogo. São dois substantivos que têm fronteiras comuns, mutuamente complementares, que alicerçam o relacionamento.

Para Larrañaga (1978, p. 164), comunicar-se encerra um sentido profundo e pessoal: “entregar algo que é substancialmente meu, alguma coisa que faz parte do meu ser”.

O ser humano é uma abertura que dá e, ao mesmo tempo, recebe. Partilha a riqueza dos outros e, por sua vez, enriquece a todos. O ser humano não nasceu para ficar como um ser fechado e acabado, mas para conviver com os demais. A pessoa é, por natureza, direcionamento para o outro. Da direção para o outro, nasce a relação viva, cria-se um nós.

Observando o comportamento entre o grupo, chega-se à conclusão de que grande parte dos desentendimentos tem sua origem na falta de diálogo.

Larañaga (1978, p. 174) afirma que o diálogo não é debate de idéias, nem polêmica, nem controvérsia. Para o autor: “Trata-se de buscar a verdade entre duas pessoas ou em um grupo”.

A comunicação e o diálogo são condições indispensáveis para o relacionamento. Nos dias atuais, infelizmente, o relacionamento na família, entre pais e filhos, marido e mulher, família e escola tem deixado muito a desejar. Muitos pais passam a delegar toda a responsabilidade educativa à escola, que por sua vez não encontra meios de envolvê-los no processo educativo dos filhos. Quando isso acontece, as consequências são imprevisíveis, fecham-se as portas da comunicação, muitas vezes, por comodismo ou pela falta de discernimento de ambas as partes.

Bertan (2005), numa pesquisa sobre a relação Escola-Família em escolas públicas de São Paulo e Paraná, constatou que a relação é conflitiva, tanto por parte da família como da escola. Há muitas reclamações, constrangimentos e pedido para resolver os problemas de disciplina e outros. Isso fica evidente com o resultado da pesquisa, envolvendo pais e professores.

Diálogo, compreensão, comunicação e amor no relacionamento devem partir dos dois lados, isto é, da família e da escola.

Não pode haver omissão das instituições família e escola.

Normalmente, os pais ficam preocupados com os filhos, com seu desempenho, querendo o melhor para eles, como uma boa escola, um emprego, o curso universitário, um casamento feliz. Geralmente, o mesmo acontece com a escola, querendo o bem do aluno. Pode acontecer que os pais e a própria escola esqueçam-se de apreciar os filhos e os alunos como eles são. "De nada serve, a não ser para irritar o educando e desmoralizar o discurso hipócrita do educador, falar em democracia e liberdade, mas impor ao educando a vontade arrogante do mestre" (FREIRE, 2006, p. 62). Para tanto, cabe ao professor manter uma reflexão crítica e permanente sobre sua prática, através da qual deve realizar a avaliação de seu próprio fazer com os educandos. "Mudar é difícil, mas é possível" (FREIRE, 2006, p. 79). Não resta dúvida de que a educação é uma forma de intervenção no mundo. Não é apontando os defeitos, os problemas que tem, pressionando-os constantemente, que se estará mudando e educando. Que tal se fossem aceitos como eles são, motivando-os para um desempenho melhor, como afirma Ryan (2008, p. 131). "Apenas um afetuoso incentivo para o crescimento de cada um, dentro de suas características próprias". Reconhecê-los e motivá-los para o crescimento educacional funciona como remédio eficaz e melhora o relacionamento entre a família e a escola, os filhos e alunos. O negativismo na educação, antes de ser remédio de cura, pode agravar muito mais as doenças.

Os desafios são muitos. Há a necessidade de um esforço coletivo no reconhecer e refletir sobre as contradições da sociedade em que se está inserido, e nela, a responsabilidade dos pais e da escola no que concerne à educação e formação de nossas crianças e adolescentes. A parceria da família com a escola, ao assumir certa autoridade sobre o educando, estará caminhando gradativamente para uma permissão de liberdade com responsabilidade. Para que tudo isso aconteça é necessário afeto, cuidado, zelo por parte de ambas.

Aos pais cabe a responsabilidade de assumirem, de fato, sua função na educação de seu filho, pois família e escola têm funções bem definidas e complementares. O papel dos pais começa logo que a criança nasce, pois a eles compete saber que futuro pretendem para seu filho. Eles têm de ter a consciência que devem desempenhar sua função de pais, sem, contudo, deixar de ser amigos de seu filho, pois sua função é a de educar.

Cabe à escola contribuir para introduzir o indivíduo no mundo do

conhecimento, de forma prazerosa, auxiliando-o na superação de dificuldades e conflitos. Seu papel é desenvolver as competências e acompanhar o desenvolvimento do educando, contribuindo para a construção de sua autonomia de maneira consciente e autocrítica.

Gostei muito de trabalhar o assunto em questão que, apesar de polêmico, nos leva à reflexão da influência e da responsabilidade dessas duas instituições na formação do cidadão e, conseqüentemente, da sociedade moderna.

Concluindo, a pesquisa procurou buscar o maior número de informações tanto na bibliografia como na prática profissional. Conclui-se que o problema do relacionamento família e escola existe: de um lado, as famílias que, geralmente, se omitem e não participam ativamente da vida escolar de seu filho; de outro, a escola que pouco faz para conscientizar os pais nessa responsabilidade e participação.

Como proposta, concluo que as escolas devem trabalhar mais na elaboração de seu projeto Político Pedagógico, inserindo o trabalho mais ativo com os pais, procurando conscientizá-los da responsabilidade dessa parceria entre família e escola, beneficiando, assim, a formação integral da criança.

Eis o grande desafio!

## REFERÊNCIAS

ARIÈS, P. **História Social da Criança e da Família**. 2.ed. Rio de Janeiro: LTC, 2006.

A MISSÃO da Família Cristã no Mundo de Hoje. Exortação Apostólica de João Paulo II. São Paulo: Paulinas, 1981.

ALARCÃO, I. Formação continuada como instrumento de profissionalização docente. In: VEIGA, I. P. A. (Org.). **Caminhos da profissionalização do magistério**. Campinas: Papyrus, 1998.

ALBERONI, F. **Valores: o bem, o mal, a natureza, a cultura, a vida**. Rio de Janeiro: Rocco, 2000.

ALMEIDA, L. O. de. **A função social da família e a ética do afeto: transformações jurídicas no Direito de Família**. 2007. 85 f. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Direito) - Centro Universitário Eurípides de Marília, Fundação de Ensino Eurípides Soares da Rocha, Marília, 2007.

ALTHUSSER, L. **Aparelhos Ideológicos de Estado: nota sobre os aparelhos ideológicos de estado (AIE)** / Louis Althusser. 2.ed. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1985.

AQUINO, J. G. Educação e Violência. **Revista Educação**, n. 227, p. 35-6, 2000.

AQUINO, F. **Educar: pela conquista e pela fé**. 7.ed. São Paulo: Cléofas, 2007.

AQUINO, F. **Família: santuário da vida**. 15.ed. Lorena: Cléofas, 2007.

ARANHA, M. L. A. **Temas de filosofia**. São Paulo: Moderna, 1996.

AZEVEDO, M. A.; GUERRA, V. N. A. (Orgs.). **Crianças vitimizadas: a síndrome do pequeno poder**. São Paulo: Iglu, 1989.

BALTAZAR, J. A.; MORETTI, L. H. T.; BALTHAZAR, M. C. **Família e escola: um espaço interativo e de conflitos**. São Paulo: Arte & Ciência, 2006.

BARBALET, J. M. **A cidadania**. Lisboa: Editorial Estampa, 1989.

BARROS, J. de. **O que se pode dizer sobre Limites**. Disponível em <<http://www.educador.brasilecola.com/sugestoes-pais-professores/o-que-se-pode-dizer-sobre-limites.htm>>. Acesso em: 27 set. 2008.

BARROS, L. M. de. Comunicação e educação numa perspectiva plural e dialética. **Nexos – Revista de Estudos de Educação e Comunicação**, São Paulo: Univ. Anhembi-Morumbi, p.19-38, 2º. sem. 1997.

BARROSO, J. **Os liceus: organização pedagógica e administração (1836-1960)**. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 1995.

BERTAN, L. A relação escola–família: um espaço negado aos pais?. **Colloquium Humanarum**, v. 3, n. 2, Dez. 2005.

BORDIGNON, G. Política e gestão educacional: descentralização ou democratização de administração de educação. Brasília, v. 8, n.1, p.1-100, jan/jun. 1992.

BRASIL. Constituição 1988. **Constituição da República Federativa do Brasil**. Brasília: Senado Federal, 1988.

BRASIL. Ministério da educação. **Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional: Lei 9394 de 20 de dezembro de 1996**. Brasília: Senado Federal, Subsecretaria de Edições Técnicas, 2002.

BRASIL. Ministério da Saúde. **Estatuto da criança e do adolescente**. Brasília, DF: Ministério da Saúde, 1991.

BUCHALLA, A. P. A juventude em rede. **Veja**. Edição 2100, ano 42, p. 85-93, 18 de fev. 2009.

BUSCAGLIA, L. **Os deficientes e seus pais: um desafio ao aconselhamento**. Rio de Janeiro: Record, 1993.

BUZZI, A. R. **Introdução ao pensar**. Petrópolis: Ed. Vozes, 2000.

CAIADO, E. C. M. C. **Educação no Brasil**. 2003. Disponível em <<http://www.brasilecola.com/educacao/educacao-no-brasil.htm>>. Acesso em: 15 jan. 2009.

CALIENTO, C. R. **Educar ou Adestrar**. Disponível em <<http://ilove.terra.com.br/autores/texto.asp?idpi=1828>>. Acesso 18 jan. 2009.

CAMPOS, A. C. L. **Humanização**. Centro Universitário Anhanguera - Unidade Pirassununga. Psicopedagogia. 2001/2002. Disponível em <[http://rg.atlanticosul.edu.br/programasinst/Revistas/revistas2006/pdf\\_pos/pag27.pdf](http://rg.atlanticosul.edu.br/programasinst/Revistas/revistas2006/pdf_pos/pag27.pdf)>. Acesso em: 5 fev. 2009.

CAMPOS, D. M. de S. **Psicologia da Adolescência**: normalidade e psicologia. 16.ed. Petrópolis: Vozes, 1988.

CANDAU, V. et al. **Oficinas pedagógicas de direitos humanos**. Rio de Janeiro: Vozes, 1999.

CARVALHO, T. C. A. de. **A (re)construção de saberes no coletivo**: resgate de um processo de assessoria pedagógica. 1999. Tese. (Doutorado). Departamento de Educação / Programa de Pós-Graduação em Educação / Centro de Ciências Sociais Aplicadas / UFRN, Natal.

CASTILHO, T. **Família e relacionamento de gerações**. Disponível em <<[www.sescsp.org.br/sesc/images/upload/conferencias/94.rtf](http://www.sescsp.org.br/sesc/images/upload/conferencias/94.rtf)>>. Acesso em: 30 set. 2008.

CERVO, A. L.; BERVIAN, P. A. **Metodologia científica**. 4.ed. São Paulo: Makron Books, 1977.

CHALITA, G. **Pedagogia da amizade**. Bullying: o sofrimento das vítimas e dos agressores. 2.ed. São Paulo: Editora Gente, 2008.

CLANDININ, D. J.; CONNELLY, M. F. **Teachers' professional knowledge landscapes**. New York: Teachers College Press, 1998.

COLOMBIER, C.; MANGEL, G.; PERDRIault, M. **A violência na escola**. São Paulo: Ed. Summus, 1989.

COMTE-SPONVILLE, A. **Pequeno tratado das grandes virtudes**. São Paulo: Martins Fontes, 1999.

CORREIA, W. **Escola: desafios à vista**. 2005. Disponível em <<http://www.brasilecola.com/educacao/escola-desafios-vista.htm>> Acesso em: 15 jan. 2009.

COULON, A. **Etnometodologia e educação**. Petrópolis: Vozes, 1995.  
CURY, A. **Filhos brilhantes: alunos fascinantes**. Colina: Editora Academia de Inteligência, 2006.

D'NEAO, M. Â. (Org). **Sociabilidade: espaço e sociedade**. São Paulo: Grupo Editores, 1999.

DESLANDES, S. F. Atenção a crianças e adolescentes vítimas de violência doméstica: análise de um serviço. **Cad. Saúde Pública**, Rio de Janeiro 2009. Disponível em <[http://www.scielo.org/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0102-311X1994000500013&lng=en&nrm=iso](http://www.scielo.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-311X1994000500013&lng=en&nrm=iso)>. Acesso em: 09 fev. 2009.

DOCUMENTOS Pontifícios 198. Cultura e Dimensão Humana. João Paulo II. Três Discursos sobre a Cultura. 2000.

DODGE, K. A.; BATES, J. E.; PETTIT, G. S. Mechanisms in the cycle of violence. **Science**, v. 250, n. 1, p. 678-1.683, 1991.

DONZELOT, J. **A política das famílias**. Rio de Janeiro: Graal, 1986.

EISENSTEIN, E.; SOUZA, R. P. **Situações de risco à saúde de crianças e adolescentes**. Rio de Janeiro: Vozes, 1993.

ENGELS. **A origem da família, da propriedade privada e do estado**. 4.ed. São Paulo: Global, 1989.

ERTHAL, A. A. **Sintoma da internet é sintoma da cultura**. Disponível em <<http://www.oencontrode2mundos.com.br/blog/tag/excesso-de-informacao/>> . Acesso em: 13 jan. 2009.

FERNANDEZ, A. A agressividade: qual o teu papel na aprendizagem? In: GROSSI, E. (Ed.). **Paixão de Aprender**. Rio de Janeiro: Vozes, 1992. p. 168-180.

FERREIRA, A. B. de H. **Minidicionário da língua portuguesa**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1977.

FERREIRO, E. **Com todas as letras**. São Paulo: Cortez, 1992.

FERRY, L. **Famílias, amo vocês: política e vida privada na era da globalização**. Rio de Janeiro: Objetiva, 2007.

FONSECA, V. **Introdução às dificuldades de aprendizagem**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1995.

FONTOURA, A. **Psicologia educacional**. Rio de Janeiro: Editora Aurora, 1961.

FORQUIN, J. **Escola e cultura: as bases sociais e epistemológicas do conhecimento escolar**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1993.

FREIRE, P. **A educação como prática da liberdade**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1981.

FREIRE, P. **O papel da educação na humanização**. Disponível em: <<http://pt.shvoong.com/humanities/1800372-papel-da-educa%C3%A7%C3%A3o-na-humaniza%C3%A7%C3%A3o/>>. Acesso em: 5 fev. 2009.

FREIRE, P. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa**. São Paulo: Paz e Terra, 1996. (Coleção Leitura).

FREIRE, P. **Professora sim, tia não: cartas a quem ousa ensinar**. São Paulo: Olho d'água, 1997.

**Funções da família**. Disponível em: <<http://casamento.tudosobre.org/familia/funcoes-da-familia.html>>. Acesso em: 5 jan. 2009.

GALBRAITH, J. K. **A sociedade justa**. Campus: Rio de Janeiro, 1996.

GALVÃO, R. C. S. Educação para a cidadania: o conhecimento como instrumento político de libertação. **Revista HISTEDBR**. Campinas, n. 21, p. 166 – 170 mar. 2006

GAMA, J. A. **Desafios enfrentados pelos educadores**. Disponível em <<http://blog.formacaocontinuada.org/?p=50>>. Acesso em: 20 jan. 2009.

GARCIA, C. M. A formação de professores: novas perspectivas baseadas na investigação sobre o pensamento do professor. In.: NÓVOA, A. (Coord.). **Os professores e a sua formação**. Lisboa: Dom Quixote, 1995. p 51-76.

GIL, A. C. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 4.ed. São Paulo: Atlas, 1991.

GIL, E. **Treatment of adults survivors of childhood abuse**. Califórnia: Sage Publications, 1990.

GOMEZ, A. P. O pensamento prático do professor: a formação do professor como profissional reflexivo. In: NÓVOA, A. (coord.). **Os professores e a sua formação**. Lisboa: Dom Quixote, 1995. p. 93-114.

GONSALVES, E. P. **Iniciação à pesquisa científica**. 4.ed. Campinas: Alínea Editora, 2005.

GROENINGA, G. C.; PEREIRA, R. da C. (Coord.). **Direito de família e psicanálise**. Rio de Janeiro: Imago, 2003. p. 163-176.

GROSSI, E. **A coragem de mudar em educação**. São Paulo: Vozes, 2000.

GUERRA, V. N. A. **Violência de pais contra filhos: procuram-se vítimas**. São Paulo: Cortez, 1985.

KALOUSTIAN, S. M. **Família brasileira: a base de tudo**. São Paulo: Cortez, Brasília, 1994.

KUSUMOTO, K. **Buscando o amor dos pais**. 11.ed. São Paulo: SEICHONO-IE do Brasil, 1999.

LAKATOS, E. M.; MARCONI, M. de A. **Fundamentos da metodologia científica**. 3.ed. São Paulo: Atlas, 2001.

LAKATOS, E. M. **Sociologia geral**. 7.ed. São Paulo: Atlas, 1999.

LARRAÑAGA, I. **Suba comigo**. São Paulo: Paulinas, 1978.

LASCH, C. **Refúgio num mundo sem coração: a família, santuário ou instituição sitiada?** Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1991.

LEVISKY, D. L. e cols. **Adolescência e violência: consequências da realidade brasileira.** Porto Alegre: Artes Médicas, 1997.

LIMA, L. C. **A escola como organização educativa: uma abordagem sociológica.** 2.ed. São Paulo: Cortez, 2003.

LIMA, M. C. B. et al. **Ensinar, formar, educar e instruir: a linguagem da crise escolar.** Disponível em <<http://www.educ.fc.ul.pt/docentes/opombo/hfe/jogo/index.htm>>. Acesso em: 20 jan. 2009.

MACEDO, L. de. **Ensaaios construtivistas.** São Paulo: Casa do Psicólogo, 1994.

MALVEZZI, S. **Os desafios da educação na sociedade do conhecimento.** São Paulo: Colégio Santa Maria, 2000.

MARCELOS, V. A. **Violência escolar.** Disponível em <<http://www.artigonal.com/educacao-artigos/violencia-escolar-729041.html>>. Acesso em: 5 jan. 2009.

MARINOFF, L. **Mais Platão e menos Prozac.** 2.ed. São Paulo: Record. 2001.

MARSHALL, T. H. **Cidadania, classe social e status.** Rio de Janeiro: Zahar, 1967.

MENEGHEL, S. N.; GIUGLIANI, E. J.; FALCETO, O. Relações entre violência doméstica e agressividade na adolescência. **Cad. Saúde Pública**, Rio de Janeiro, v. 14, n. 2, Apr. 1998. Disponível em <[http://www.scielosp.org/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0102-311X1998000200017&lng=en&nrm=iso](http://www.scielosp.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-311X1998000200017&lng=en&nrm=iso)>. Acesso em: 9 fev. 2009.

MERTON, T. **O homem novo.** Petrópolis: Vozes, 2005. p. 45.

MINAYO, M. C.; ASSIS, S. Violência e saúde na infância e adolescência: uma agenda de investigação estratégica. **Saúde em Debate**, v. 39, p. 58-63, 1993.  
MINAYO, M. C. A violência na adolescência: em foco a adolescência descamisada. **Cadernos de Saúde Pública**, v. 6, p. 278-292, 1990b.

MINAYO, M. C. **Bibliografia comentada na produção científica brasileira sobre violência e saúde**. Rio de Janeiro: Escola Nacional de Saúde Pública, Fundação Oswaldo Cruz, 1990a.

MINAYO, M. C. de S. **O desafio do conhecimento: pesquisa qualitativa em saúde**. 8.ed. São Paulo: Hucitec, 2004.

MINUCHIN, S. **Famílias: funcionamento & tratamento**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1990.

MONTANDON, C.; PERRENOUD, P. **Entre parents et enseignants: un dialogue impossible?** Paris: Peter Lang, 1987.

MORAIS, R. de. **O que é ensinar**. São Paulo: E.P.U., 1986.

MORETTI, S. L. A. A escola e o desafio da modernidade. **Revista ESPM**, São Paulo, v. 6, jan./fev. 1999.

MORIN, E. **Introdução ao pensamento completo**. 2.ed. Lisboa: Instituto Piaget, 1990. p. 43.

MORIN, E. **Os sete saberes necessários à educação do futuro**. 3.ed. São Paulo: Cortez; Brasília, DF: UNESCO, 2001.

MOTTA, P. R. da. **Socialização**. Disponível em <<http://www.euniverso.com.br/Logos/socializacao.htm>>. Acesso em: 5 fev. 2009.

**MULHERES, trabalho e família**. Fundação Carlos Chagas. Disponível em: <[http://www.fcc.org.br/mulher/series\\_historicas/mtf.html](http://www.fcc.org.br/mulher/series_historicas/mtf.html)>. Acesso em: 14 out. 2008.

NISKIER, A. **LDB A nova Lei da Educação**. 6.ed. Brasília. Edições Consultor, 1997.

NÓVOA, A. (Coord). **Os professores e sua formação**. Lisboa: Dom Quixote, 1997.

OATES, R. J. Personality development after physical abuse. **Archives of Disease in Childhood**, v. 59, p. 147-150, 1984.

OLIVEIRA, M. B. F. As vozes e os efeitos de sentido da "prática" no discurso de professoras sobre sua formação. **Linguagem & Ensino**, v.1, n. 2, p. 11-26, 1989.

OSÓRIO, L. C. **Família hoje**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1996.

PEREIRA, C. Educar para Crescer: um plano para avançar. Revista Veja. Edição 2092, Ano 41, n. 51, p. 114-115, 24 de dezembro de 2008.

PERISSÉ, G. **Os sete pecados capitais e as virtudes da educação**. 2003. Disponível em: <<http://e-educador.com/index.php/projetos-de-ensino-mainmenu-124/77-projetos-de-ensino/2841-escolas4>>. Acesso em: 10 jan. 2009.

PÉRISSE, M. P. **O educador aprendedor**. São Paulo: Cortez, 2004.

PERRENOUD, P. **Práticas pedagógicas, profissão docente e formação: perspectivas sociológicas**. Lisboa: Dom Quixote, 1999.

PERRENOUD, P. **Escola e cidadania: o papel da escola na formação para a democracia**. Porto Alegre: Artmed, 2005.

PERUZZO, C. M. K. **Comunicação nos movimentos populares: a participação na construção da cidadania**. Petrópolis: Vozes, 1998.

PERUZZO, C. M. K. **Mídia comunitária: comunicação & sociedade**. São Bernardo do Campo: Umesp, n. 30, p. 141-156, 2º. sem. 1998.

FERRARI, M.; PESTALOZZI, J. H. O teórico que incorporou o afeto à pedagogia. **Revista Nova Escola**. n. 171, abril 2006.

PIAGET, J. **Biologia e conhecimento**. 2.ed. Petrópolis: Vozes, 1996. p. 57-59.  
PIKE, A. L. **Carinho e firmeza com os filhos**. São Paulo: Quadrante, 2003.

PONTE, C. **Sobre caminhos... o novo caminho para a educação**. São Paulo: Madras, 1991.

RAMOS, J. M. R. **Educação: limites ou excelência**. Disponível em: <<http://www.portaldafamilia.org/artigos/artigo003.shtml>>. Acesso em: 10 jan. 2009.

REVISTA EDUCAÇÃO. São Paulo: Editora Segmento, ano 11, n. 122, junho de 2007.

REVISTA SOCIOLOGIA: Ciência e vida São Paulo: Editora Escala, ano 1, n. 10, 2007.

ROCHE, P. M. **Um segredo para a família: a autoestima.** Aparecida: Santuário, 2004.

RODRIGUES, A.; ESTEVES, M. **A análise de necessidades na formação de professores.** Portugal. Porto Editora, 1993.

ROHDEN, H. **Novos rumos para a educação.** 4.ed. São Paulo: Martin Claret, 1997.

RUDIO, V. F. **Introdução ao projeto de pesquisa científica.** 9.ed. Petrópolis: Vozes, 2001.

RYAN, M. J. **O poder da gratidão.** Rio de Janeiro: Sextante, 2008. p. 131.

SACRISTAN, J. G. Consciência e ação sobre a prática como libertação profissional dos professores. In: NÓVOA, A. (Org.). **Profissão professor.** 2.ed. Portugal: Porto Editora, 1995. p. 63-92.

SALGADO, E. **Qual o papel da família na escola?** Disponível em:

<<http://paralelo40.blog.com/1995181/>>. Acesso em: 12 jan. 2009.

SANDOVAL, L. G. Educação versus pobreza. In: MENEZES, L. C. de (Org.).

**Professores: formação e profissão.** Campinas: Cortez / São Paulo: NUPES, 1996. p. 9-12.

SANTO, J. M. R. Di. **A família e a escola: uma relação de ajuda.** Disponível em:

<<http://www.centrorefeducacional.com.br/famiescola.htm>>. Acesso em: 2 fev. 2009.

SANTOS, H. O. **Crianças espancadas.** Campinas: Papyrus, 1987.

SANTOS, L. A. Por que regular. **Revista Teoria e Debate.** São Paulo: Set/Out / Nov. 2003.

SAVIANI, D. **Pedagogia histórico-crítica: primeiras aproximações**. São Paulo: Cortez, 1991.

SCHÖN, D. A. Formar professores como profissionais reflexivos. In: NÓVOA, A. (Coord.). **Os professores e a sua formação**. Lisboa: Dom Quixote, 1995. p. 77-91.

SCHÖN, D. **Os professores e sua formação**. Lisboa: Dom Quixote, 1997.

SERRA, J. A diversidade é a maior riqueza. **Revista Brasileira de Saúde da Família**, Brasília, v. 1, p. 5-6, nov. 1999.

SILVA, A. M. M. **Educação e violência: qual o papel da escola?** Disponível em: <<http://www.dhnet.org.br/educar/redeedh/bib/aida1.htm>>. Acesso em: 20 jan. 2009.

SILVA, A. M. **A violência na escola: a percepção dos alunos e professores**. São Paulo: Mimeo, 1995.

SNYDERS. **Entrevista dada a Lourdes Stamato de Camilles**, PUC/SP, 1990.

SOIFER, R. **Psicodinamismos da criança com a família**. Petrópolis: Vozes, 1983.

SOUZA, A. J. de. **Educar para libertar**. Publicado em 20/2/2008. Disponível em: <<http://pt.shvoong.com/writers/folley/>>. Acesso em: 5 fev. 2009.

SOUZA, Â. R. A escola por dentro e por fora: a cultura da escola e a descentralização financeira. **Revista Ibero-americana de Educação**. Disponível em: <[http://www.campus-oei.org/revista/fin\\_edu3.htm](http://www.campus-oei.org/revista/fin_edu3.htm)>. Acesso em: 8 jan. 2009.

SOUZA, E. M. **Problemas de aprendizagem: crianças de 8 a 11 anos**. Bauru: EDUSC, 1996.

STANHOPE, M. Teorias e desenvolvimento familiar. In STANHOPE, M.; LANCASTER, J. **Enfermagem comunitária: promoção de saúde de grupos, famílias e indivíduos**. Lisboa: Lusociência, 1999.

STENSON, B. J. **Enquanto ainda é tempo: a formação moral e religiosa dos filhos**. São Paulo: Quadrante, 2002.

STITH, D. Can physicians help curb adolescent violence? **Hospital Practice**, v. 27, p. 193-207, 1993.

STORK, R. Y.; ECHEVARRÍA, J. A. **Fundamentos de antropologia**: uma idéia da excelência humana. São Paulo: Instituto Brasileiro de Filosofia e Ciência, 2005.

STRAUS, M.; GELLES, R. J.; STEINMEDZ, S. K. **Behind Close Doors**: violence in the american family. Garden City: Anchor Press, 1980.

SUTLER, Graziela. 2007. Disponível em:  
<<http://www.webartigos.com/articles/926/1/refletindo-sobre-a-relacao-familia-escola/pagina1.html>>. Acesso em: 20 fev. 2009.

TEXEIRA, O. **Psicologia do sucesso**. São Paulo: Atlas. 1981.

TIBA, I. **Disciplina**: O limite na medida certa. 32.ed. São Paulo: Editora Gente, 1996.

UNESCO (Organização das Nações Unidas para a Educação, Ciência e Cultura) **Resultados preliminares da Pesquisa Nacional de Violência, Aids e Drogas nas Escolas**. Brasília: Unesco, 2001.

VAITSMAN, J. **Flexíveis e plurais**: identidade, casamento e família em circunstâncias pós-modernas. Rio de Janeiro: Rocco, 1994. p. 29-30.

VALENTE, M. L. C. V. **Fracasso escolar**: problema de família. São Paulo: HVF Arte e Cultura, 1995.

VILA NOVA, S. **Introdução à sociologia**. São Paulo: Atlas, 1995.

WHITAKER, D. Violência na escola. **Revista Idéias**, n.21, 1994.

WOLFF, S. Non-delinquent disturbances of conduct. In: RUTTER, M.; HESSOR, L. (Eds.). **Child and Adolescent Psychiatry**. 3.ed. Boston: Blackwell Scientific Publications, 1985.

YINGER, R. **Investigacion sobre el conocimiento y pensamiento de los profesores**. Hacia uma concepcion de La actividad profesional. In Villa Angullo, 1986.

ZACHARIAS, V. L. C. **A escola.** Disponível em:  
<<http://www.centrorefeducacional.com.br/aescola.html>>. Acesso em: 20 dez. 2008.

ZEICHMER, K. **Content and context:** neglected elements in studies of student teaching as na ocassion for learning to teach. Chicago: Univ. Chicago Press, 1986.